

AS ILUSÕES

krishnamurti

DA MENTE

ALGUNS CONCEITOS DESTA OBRA

A MENTE é capaz de criar qualquer forma de ilusão, ilusão que pode ser o ideal, ou Deus. Mas o culto dessa ilusão não é religião. A ilusão, a "projeção" da mente que — sob qualquer forma ou em qualquer nível que seja — quase todos nós adoramos, é uma coisa nascida da esperança, nascida do desejo, da ânsia. Esse desejo pode criar uma imagem; e a imitação, a busca desse ideal, o "tornar-se esse ideal" está sempre confinado na continuidade da mente. A mente não pode produzir nenhuma revolução, nenhuma transformação radical. O que pode produzir a revolução radical, a revolução total no pensar do homem, é a cessação da mente como pensamento.

A MENTE é resultado do tempo. Vós, como EU, como EGO, sois um produto da mente. O caráter, as tendências, as diversas disciplinas, os diferentes métodos de controle e persuasão, tudo isso é resultado do tempo, produto do tempo. A mente é tal como a fez a natureza, o ambiente, através da cultura, do medo, da imitação, da comparação, da chamada educação; essa mente, por mais que progrida e por mais que lute, não pode em tempo algum promover uma ação emanada daquela fonte de felicidade, derivada da revolta para encontrar a Realidade.

O PERCEBIMENTO do processo total da existência: sofrimento, dor, amor, ódio, sentimento, ilusões — tudo isso constitui a mente. Estar cômscio disso tudo não é saber o que dizem os modernos ou antigos instrutores, ou os psicólogos, ou os gurus. Nenhum valor tem estar-se informado sôbre o que os outros disseram, porque cada um tem de descobrir por si mesmo o processo de sua própria mente.

ÊSSE percebimento só pode ocorrer quando não há condenação — o que, com efeito, significa a quebra completa de todo condicionamento da mente, para que a mente possa achar-se num estado em que já não crie raízes, sendo por conseguinte uma mente sem âncora e havendo, portanto, a experiência real. Só esta mente é capaz de ver e conhecer aquilo que é eterno.

KRISHNAMURTI

AS ILUSÕES DA MENTE

(Conferências, com perguntas e respostas,
realizadas em Bombaim, Índia, em
fevereiro e março de 1954).

J. KRISHNAMURTI

As Ilusões da Mente

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Av. Presidente Vargas, 418, sala 809

RIO DE JANEIRO

BRASIL

1959

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS:

	Pág.
1.^a Conferência em Bombaim	5
1. ^a pergunta — Observa-se na Índia uma total ausência de beleza e a destruição das coisas belas, em todos os setores. A que atribuíis êsse fato?	14
2.^a Conferência	20
1. ^a pergunta — Estamos em presença de um crescente totalitarismo. De uma parte, temos essa crescente autoridade e, de outra parte, observa-se um servilismo rastejante, corrupção e desintegração. Como fazer face a essa derrocada, a não ser guerreando a autoridade? ..	28
2. ^a pergunta — Quando vos ouço, sinto uma grande clareza e compreensão; mas depois que vos ides vejo-me de novo emaranhado nos inumeráveis hábitos de ação e pensamento. Não é necessário que eu vos compreenda de uma vez ou desista de ouvir-vos?	32
3. ^a pergunta — Nos momentos de agonia e desespero submeto-me a "Ele", embora não "O" conheça. Isso afugenta meu desespero. Que vem a ser essa submissão? ..	34
3.^a Conferência	36
1. ^a pergunta — Na Índia, a busca de autoconhecimento conduziu à destruição da personalidade, solapando toda iniciativa e entusiasmo. O vosso ensino não contribuirá apenas para aumentar essa letargia do espírito?	44
2. ^a pergunta — Qual o verdadeiro valor da igualdade? E' ela um fato ou uma idéia?	47
3. ^a pergunta — Como encontrastes Deus?	49
4.^a Conferência	51
1. ^a pergunta — A Verdade para vós parece não ter morada. Mas a Verdade é um absoluto. Fazendo-a uma questão de percepimento, não a estais reduzindo e limitando? ..	58
2. ^a pergunta — Sou um homem de negócios. Tenho-vos ouvido e acho que devo fazer alguma coisa em benefício dos meus empregados. Que devo fazer?	61
3. ^a pergunta — Ajudai-me a compreender êsse terrível medo à morte	62

5. ^a Conferência	65
1. ^a pergunta — Fui educado erradamente. Que posso fazer? Posso reeducar-me ou estou mutilado para o resto da vida?	73
2. ^a pergunta — A oração não tem eficácia, ou a verdadeira oração é a mesma coisa que meditação?	75
6. ^a Conferência	80
1. ^a pergunta — Conheço a solidão, mas vós falais de um estado que denominais "estar só". São estados idênticos?	88
2. ^a pergunta — Apesar de tudo o que tendes falado a respeito do seguir, estais bem cónscio de que sois seguido. Como agis a êsse respeito, já que isso é um mal?	90
7. ^a Conferência	93
1. ^a pergunta — Tenho a paixão da bebida. Afirmais que a disciplina e o autocontrôle não poderão salvar-me. Como posso ficar livre do vício de beber?	98
2. ^a pergunta — Sou hinduista, e vós me convidais a deixar o hinduismo. Posso ficar livre do hinduismo?	99
3. ^a pergunta — Fisicamente, o tempo não tem dimensão. Mas vós falais do tempo psicológico, distinto do tempo cronológico. Podeis dizer se o tempo é inexistente ou se tem existência fenomenal?	100
8. ^a Conferência	102
1. ^a pergunta — Não basta as pessoas vos ouvirem. Para compreenderem o que dizeis, devem elas ser nutridas e educadas num estudo cuidadoso e na explanação dos vossos ensinamentos, por meio de livros e organização de grupos de estudo. Dizei-me se tenho razão.	109
2. ^a pergunta — Dizeis que um homem precisa morrer para renascer, que no findar há um começar. Mas todo findar é sofrimento. Como posso saber a verdade dêsse findar?	112
3. ^a pergunta — Qual a relação entre mim e a minha mente?	114

ESTA tarde, desejo falar sôbre o problema da transformação. Já pensastes a seu respeito? Se já o fizestes, deveis ter notado quão difícil é operar uma mudança em nós mesmos. Percebemos em certos momentos a necessidade de transformação, de um certo ajustamento à vida, uma revolução radical em nós mesmos, independente de qualquer padrão de pensamento, ou compulsão. Quem observa as numerosas complicações da existência, sente o desejo imenso de efetuar uma revolução em si próprio. Já deveis — pelo menos os mais ponderados dentre vós — ter refletido a êsse respeito, isto é, sôbre como efetuar essa transformação, como irá ela influir em nossas relações mútuas ou com a sociedade, e se essa revolução terá algum efeito sôbre a sociedade. Êste problema, bem examinado, é sumamente complexo e envolve muitas outras questões, que se agitam não apenas no nível superficial do nosso pensar, mas também profundamente, no nível inconsciente.

Preliminarmente, porém, desejo recomendar-vos que, ao iniciar eu o estudo do problema, me escuteis com atenção e sem resistência; se assim fizerdes, então, talvez possais encontrar-vos naquele estado de total revolução interior. Afinal, é com êste fim em vista que vos falo, e não para convencer-vos sôbre uma determinada forma de modificação ou dizer-vos que deveis transformar-vos em conformidade com um certo padrão; nisso não há nenhu-

ma possibilidade de transformação e, sim, meramente, ajustamento, adaptação a determinado padrão de ação — e isto não é revolução, não é transformação. Se escutardes, sem resistência de espécie alguma, estou certo de que vos vereis num estado de revolução, dentro de vós mesmos, não operada por qualquer compulsão de minha parte, mas de maneira completamente natural. Permiti-me, pois, sugerir que me escuteis sem resistência. Em geral, nós não escutamos verdadeiramente, pois costumamos escutar com uma intenção, um “motivo”, um propósito, o que denota esforço. Pelo esforço, não se pode compreender coisa alguma.

Vêde bem a importância disso. Para se compreender uma coisa, é necessário escutá-la sem esforço, sem compulsão, sem resistência, inclinação, opinião ou juízo. Isto é muito difícil, se não sabemos **escutar**. O problema não é de **como** efetuar a transformação, pois, se se sabe escutar corretamente, sem resistência sob qualquer forma, a transformação se realizará independentemente de qualquer ato consciente. Não creio se possa realizar uma modificação radical mediante ação consciente ou qualquer espécie de incitamento ou compulsão.

Passarei agora a explicar como essa transformação se realiza, independente de “motivação”. Mas, para se compreender tal explicação, torna-se necessária uma atitude muito atenta, no escutar, livre de qualquer barreira, restrição, resistência. No momento em que se ouve a palavra “revolta”, “transformação”, ou “revolução”, essa palavra tem um significado preciso — o significado do dicionário, o significado comunista, socialista, ou, se a pessoa é religiosa, o significado adequado ao seu especial padrão de pensamento.

Esses padrões de pensamento estão constantemente a interferir naquilo que se está escutando. A dificuldade,

por conseguinte, não vai ser a compreensão do problema, mas, sim, a maneira de estudar o problema, a maneira de **escutar** o problema. É muito importante compreender isso antes de se começar a apreciar qualquer problema.

Para produzir-se a compreensão, não há necessidade de resistência ao que se ouve, mas, sim, de seguir-se a corrente de pensamento a que se está dando atenção. Ninguém pode segui-la, se ficar meramente resistindo, traduzindo, levantando contra ela as barreiras de suas próprias idéias. Se formos capazes de escutar sem resistência, estaremos então pensando juntos, e juntos encontraremos a mente num estado de transformação, alcançado sem qualquer persuasão, raciocínio ou conclusão lógica.

Para a maioria dos que estamos côm-scios dos acontecimentos mundiais e das coisas que estão sucedendo neste país, é clara, parece-me, a necessidade de revolução; uma mudança de atitude, de pensamento, uma revolução do senso dos valores é essencial. É bem óbvia a necessidade de uma transformação, para haver paz, para haver o suficiente a alimentar tôda a humanidade, para promover o entendimento entre os homens. A possibilidade do desenvolvimento completo do homem depende, necessariamente, de uma transformação vital, total. Mas, como efetuar essa transformação, e que implica essa transformação? Há transformação quando a mente, o pensamento, só procura acomodar-se ao padrão de determinada cultura -- a hindú, a cristã, a budista — ou ao padrão de pensamento e ação do comunista? Pode êsse ajustamento, em qualquer nível que seja, da nossa existência, operar a transformação? Se nos acomodamos a um padrão que nos foi impôsto ou que nós mesmos criamos, é óbvio que já não há transformação; porque o padrão, o fim, é um resultado do nosso condicionamento. Se eu, como hinduísta, comunista ou cristão, me modifico de acôrdo com o pla-

no segundo o qual fui criado, de acôrdo com uma idéia, uma determinada maneira de pensar, isso, por certo, não é transformação, já que está, apenas, obedecendo a uma reação condicionada. E quando me modifico pelo padrão de um temor, de uma defesa, de uma tradição, isto, evidentemente, não significa transformação; não é a revolução, não é a revolta radical procedente do que é.

Assim sendo, quando investigo o problema da transformação, não devo investigar como a minha mente está funcionando? Não devo conhecer o processo total do meu pensamento? Porque, se existe algum temor e êsse temor me faz modificar-me, não há transformação; o temor projeta um padrão e eu me modifico de acôrdo com êsse padrão; tem-se, por conseguinte, um mero ajustamento a determinado padrão "projetado" pelo temor. Se desejo promover a transformação, não devo examinar as múltiplas camadas do meu ser, consciente e bem assim inconsciente? Não devo pesquisar as reações superficiais dos meus pensamentos e "motivos", e as correntes profundas de onde promanam todos os pensamentos e ações? Se desejo transformar-me, posso ter um padrão pelo qual me transformarei? Embora eu esteja a repetir coisa já dita, prestai atenção ao que estou dizendo; senão, perdereis o que está para vir.

Reconheço a necessidade de transformação, em mim mesmo e na sociedade. A sociedade são as minhas relações com outros, e nessas relações, a que chamo "a sociedade", faz-se necessária uma transformação, um demolvimento total, uma completa revolução do pensamento. Já que percebo a importância dessa transformação, pergunto: como pode ser feita? Depende a sua realização de especulações intelectuais, de conhecimentos da história e de sua interpretação, do conhecimento das várias questões sociais e métodos de reforma? Todo êsse saber é capaz de

produzir a revolução, a transformação total de mim mesmo, do meu pensar, de minha atitude, minhas atividades e pensamentos? Assim sendo, não é necessário — se tenho verdadeiro interesse — que eu investigue esta questão da transformação? Não devo investigar os móveis que me impelem à transformação, a minha ânsia de transformação? A ânsia de transformação pode produzir a transformação radical? Essa ânsia pode ser uma simples reação ao meu condicionamento, meu **fundo**, a impressões várias, de ordem social, econômica ou cultural. Pode-se promover a transformação sob compulsão de qualquer espécie?

Ou existe uma transformação não dependente do tempo? Deixai-me expressá-lo da seguinte maneira: Conhecemos a transformação em relação com o tempo, e o tempo compreende a compulsão a que nos sujeitam as várias formas de sociedade, cultura, relações, temores, o desejo de ganhar alguma coisa ou de evitar punição. Tudo isso está na esfera do tempo, não é verdade? São funções, resultados, atividades de uma mente oriunda do tempo. Considerando bem, a mente é resultado do tempo — do tempo cronológico, de séculos de tradição, séculos de educação, compulsão, temor. A mente, por conseguinte, é coisa do tempo. Pode a mente, resultado do tempo, operar uma revolução total e sem relação com o tempo? Se nos modificamos dentro da esfera do tempo, isto é, se me modifico porque minha sociedade o exige, por perceber a necessidade de fazê-lo sob alguma forma de compulsão, ou porque isso me proporcionará alguma vantagem, ou porque tenho medo — e tudo isso, sem dúvida, é resultado dos cálculos da mente que pensa em “têrmos” de tempo, de hoje e amanhã — não pode haver revolução total. Isto é bem evidente, não achais? Quando a mente pensa em têrmos referentes ao tempo, para a transformação, há transformação? Ou só há uma continuidade, ajustamento a determi-

nado padrão e, por consequência, nenhuma transformação?

O problema, pois, é este: Há transformação, há revolução não dependente do tempo? Não é esta a única revolução verdadeira — a revolução que não é produto da mente, produto do pensamento? Afinal de contas, o pensamento é a reação da memória, sendo a memória experiência, conhecimento, acumulação de inumeráveis reações e experiências; tudo isso constitui a mente, o **fundo** com que a mente reage; e essa reação é pensamento. O pensamento, portanto, é coisa do tempo. Enquanto eu me estiver transformando dentro do tempo — isto é, de acordo com um padrão qualquer: comunista, socialista, capitalista, católico, hinduísta, budista, etc. — a transformação estará sempre dentro da esfera do tempo. Quando a transformação obedece a um padrão, por mais amplo que seja, ela está sempre compreendida no tempo e, portanto, não há realmente transformação, revolução. Prestai atenção a isto, para o compreenderdes bem. Não o rejeiteis, dizendo “É puro disparate, que não nos leva a parte alguma” — mas escutai-o, ainda que não estejais habituados com esta idéia. Talvez a estejais ouvindo pela primeira vez. Não a rejeiteis porque, se quiserdes investigá-la profundamente, vereis como é extraordinário o seu conteúdo.

A transformação se realiza quando não existe medo, quando não existe “experimentador e experiência”; é só então que se verifica a revolução que está fora do tempo. Tal revolução, porém, não é possível, quando estou tentando transformar o “eu”, quando estou tentando transformar “o que é” noutra coisa diferente. Sou o resultado de compulsões e persuasões de toda ordem, sociais e espirituais, resultado de todo o condicionamento do impulso de aquisição; nisso está baseado o meu pensar. Desejando livrar-me desse condicionamento, desse impulso de

aquisição, digo, de mim para mim: “Não devo ter o espírito de aquisição”. Devo exercitar-me no “não querer”. — Mas tal atividade está ainda na esfera do tempo, é ainda uma atividade da mente. Percebei bem isso; não digais “Que devo fazer para alcançar o “estado sem impulso aquisitivo”?” — Isto não é importante. Não é importante que se seja “não-aquisitivo”. O importante é compreender que a mente que quer fugir de um estado para outro está sempre funcionando dentro da esfera do tempo e, por esse motivo, não há revolução, não há transformação. Se fordes realmente capazes de compreender isso, estará então plantada a semente daquela revolução radical, a qual entrará em ação; não se precisa fazer coisa alguma.

Se há obstáculo à ação daquela semente, isso se deve à nossa resistência, ao nosso exclusivo interesse nos resultados imediatos. Assim que percebo a necessidade da transformação, logo quero saber “como” me transformarei, qual o método que devo seguir; só isso me interessa. O método implica continuidade da atividade da mente e só é capaz de produzir ação conforme com um padrão e, portanto, ação temporal, produtiva de sofrimento.

Pode haver ação não dependente do tempo, não dependente da mente, não condicionada pelo pensamento, que é puramente experiência do conhecimento? Tudo isso está relacionado com o tempo. Uma tal atividade, por conseguinte, jamais produzirá revolução, uma revolução total em nosso desenvolvimento de entes humanos. O problema, pois, é este: Há possibilidade de revolução, de transformação, fora do tempo? Há possibilidade de transformação, sem interferência da mente? Percebo a importância da transformação. Todas as coisas se transformam, todas as relações se transformam, cada dia é um dia novo. Se sou capaz de compreender o novo dia, se estou morto, completamente, para o “ontem”, que já é “coisa velha”,

morto para tôdas as coisas que aprendi, que adquirir, que experimentei e compreendi, há então revolução em cada momento que vem, e há transformação. Mas o morrer para ontem não é atividade da mente. A mente não pode morrer por fôrça de uma determinação, de evolução, de um ato da vontade. Se a mente reconhecer a verdade de que não pode produzir transformação alguma por ação da vontade, ou por meio de uma determinada conclusão ou compulsão, — e o que se produz por essa maneira é apenas uma continuidade, um resultado “modificado” e não uma revolução radical; se a mente estiver silenciosa, por uns poucos segundos apenas, para apreender a verdade dessa asserção, vereis, então, acontecer uma coisa extraordinária, independente de vós mesmos e da vossa mente. Ocorre então, interiormente, uma transformação, sem nenhuma interferência da mente, que é pensamento condicionado. É um extraordinário estado mental, êsse em que não existe “experimentador” e não existe “experiência”. Daí resulta uma revolução total. Esta revolução total é a única coisa que pode trazer a paz ao mundo. Todos os ajustamentos de caráter nacional, tôdas as reformas econômicas, de um grupo que domina outro grupo e liquida todos os demais grupos, tudo isso há de falhar, porque só pode trazer maiores sofrimentos e mais guerras. O que trará a paz para o mundo, a compreensão, o amor, não é a razão — pois esta se baseia em reação condicionada — mas só a mente que se compreende de maneira total e é capaz de achar-se naquele estado eternamente, “atemporalmente” novo. Isto não é uma impossibilidade, não é uma coisa idealística, fantástica ou mística. Se buscardes realmente esta coisa, encontrá-la-eis, experimentá-la-eis diretamente; isso, porém, exige muita, muita meditação, investigação persistente, compreensão.

O importante, pois, é a compreensão da mente, e não o método de operar a transformação de si mesmo e, con-

seqüentemente, a transformação do mundo. O próprio processo da compreensão do problema produz uma transformação, independente de vós mesmos. Eis porque é importante ouvirdes estas palestras sem vos deixardes persuadir pelo que digo, mas percebendo a verdade contida no que estou dizendo. A verdade é que traz a revolução, e não a mente sagaz, a mente que calcula. Porque a verdade não pertence ao tempo, a verdade não pertence à Índia, à Europa, à Rússia, à América; não pertence a nenhum grupo, nenhuma religião, nenhum mentor, nenhum discípulo. Onde há um mentor, onde há um seguidor, onde há uma nacionalidade, lá não está a Verdade. A Verdade só pode surgir, quando a mente compreendeu e se acha tranqüila; só então pode manifestar-se aquela Realidade.

Tenho aqui várias perguntas. Antes de dar-lhes resposta, creio importante averiguar se ides escutar com o propósito de obter uma resposta, ou se ides dar tódia a atenção somente ao problema. Estes são dois estados diferentes. É fácil fazer perguntas, assim como um colegial dispara uma pergunta e se põe à espera de uma resposta, pensando que essa resposta irá resolver todos os problemas e que o que se precisa fazer é apenas aceitar a resposta ou rebatê-la, como um estudante muito destro no debate. Só se fica nesse nível quando se está desejando uma resposta, quando se escuta para obter uma resposta. Mas, quando o que nos interessa é só o problema e não a resposta, nossa atitude é então de todo diferente. A primeira dessas duas atitudes é a própria do colegial, do indivíduo não amadurecido, e resulta de uma educação não inteligente; a outra requer madura investigação.

Assim, depende de vós a maneira como escutais. Se o fazeis com a atitude de quem busca uma resposta e vos sentis desapontados quando a não obtendes e dizeis —

“Ele nunca responde às perguntas” — não pretendo dar resposta alguma, porquanto a vida não tem resposta, “sim” ou “não”. A vida é uma coisa imensa, vastíssima; tudo corre para ela, como para um mar. É qual o rio caudaloso, que segue o seu curso até o mar, levando consigo o bom, o mau, o daninho, o belo e o feio. Essa totalidade constitui o Oceano, que não é apenas as atividades superficiais, as rugas da superfície. Investigar um problema, sem resistência, sem opor barreiras, sem preconceitos, é muito difícil. Nós temos de investigar o problema e de compreender-lhe os aspectos mais profundos. Temos, pois, que só há problemas e não soluções ou respostas. A meu ver, se pudermos compreender verdadeiramente, sentir verdadeiramente que a vida é um problema, que ela não é algo que se tem de concluir, um refúgio onde se encontra perene segurança, nossa atitude, nossas atividades e pensamentos serão então totalmente diversos. Estaremos, então, áptos a receber todas as coisas e sermos ao mesmo tempo “como c nada”.

PERGUNTA: Observa-se na Índia, hoje em dia, uma total ausência de beleza e a destruição das coisas belas, em todos os setores — político, social, psicológico e cultural. A que atribuíis êsse fato e de que maneira obviar essa desintegração total?

KRISHNAMURTI: Porque há desintegração, não só nesta terra infeliz, superpovoada, miserável e faminta, mas também no mundo inteiro? Porque existe esta desintegração? Não procureis uma resposta; esperai. Não apresenteis razões imediatas, porque as vossas razões serão de acordo com o vosso **fundo**, vosso condicionamento comunista, hinduísta, capitalista, cristão, ou qual seja ele. Prestai atenção: quando vos fazem uma pergunta — “Porque

há desintegração?” — a vossa resposta é ditada pelo vosso **fundo**, vossos conhecimentos, vossa experiência, não é verdade? Esta reação não é a causa da desintegração? Examinemos esta questão vagarosamente, para acharmos a verdade respectiva. Porque há desintegração? Porque se tornou a mente medíocre, inferior? Porque estamos interessados só em nossas insignificantes pessoas? Porque nos identificamos com um “eu maior” — que, contudo, é ainda medíocre? Porque sou pequeno, identifico-me com algo que é maior; porém, minha mente continua pequena, inferior. Posso identificar-me com Deus, com a Verdade, ou com a Nação; mas minha mente continua medíocre. Por mais que a mente se identifique com algo maior, êsse próprio processo de identificação é sempre de ordem inferior.

Senhores, porque nos vemos presos nesta rêde de inferioridade, de deterioração? Sabeis que a vossa mente está a deteriorar-se? Ou dizeis: “Minha mente não se está deteriorando; está funcionando maravilhosamente, sem esforço algum, como um mecanismo impecável, sem resistências, sem temores, sem pensar no amanhã”? É óbvio, só muito poucos de nós podemos dizer tal coisa. Se puderdes compreender porque a mente se deteriora, compreendeis então porque se está desintegrando a cultura e porque se desintegram os valores sociais e as várias formas e expressões da beleza.

Porque se está deteriorando a mente? Êste é que é o problema, e não: “porque há, na Índia, desintegração em todos os setores?”. Porque se desintegra a vossa mente? Se um ou dois de nós pudermos compreender isto verdadeiramente, um ou dois de nós poderemos transformar o mundo. Já que, em geral, não estamos interessados em tal coisa, não nos achamos capacitados para efetuar uma revolução completa. Nessas condições, só aquêles poucos que

puderem compreendê-la verdadeiramente serão capazes de produzir no mundo uma revolução de extraordinária magnitude.

Porque se está deteriorando a vossa mente? Dizeis que, culturalmente, nos estamos desintegrando. Que é “cultura”? É simples expressão, imitação de uma forma, concebida pelo espírito humano? Atualmente, na Índia, a mente está completamente tolhida, agrilhoadada pela chamada cultura, pela tradição, pela ausência de alegria, pelo medo de uma existência não futura, pela falta de segurança ou pelo desemprego. É esta a razão pela qual a mente, tão condicionada que está, tão completamente tolhida, se vê privada da iniciativa, do impulso criador? É porque a mente tem a tendência de imitar e copiar, é por isso que ela se está desintegrando e não pode estar intensamente ativa, criando?

Como pode ser criadora a mente quando existe temor? O problema, portanto, não é o seguinte: “Pode a minha mente, a vossa mente, a mente comum, a mente que está agitada, por causa das responsabilidades de família, dos seus deleites, da rotina num escritório, debaixo de um chefe tirânico, a mente prisioneira da tradição, da riqueza — pode a mente em tais condições ser criadora?” Se se liberta do seu condicionamento, é claro que a mente é então criadora. Se percebe a verdade de que qualquer modalidade de imitação lhe é perniciosa, é claro que a mente abandonará a imitação. Mas nós não enxergamos essa verdade. Por essa razão prossegue, irremittente, o lento processo da desintegração.

Pode uma mente estar livre do medo? Aí está o âmagô do problema, pois o medo é desintegração. Quando intimidamos uma criança, ela cede; mas com a imitação, a compulsão, destrói-se o espírito. Pode êle estar livre do medo? O medo não existe só sob uma determinada forma

— medo de ser punido, medo de perder o emprego, medo ao insucesso — porque a mente teme em tôdas as suas relações. Pode ela estar livre do medo, onde quer que êle se encontre, no escritório ou no lar, em qualquer parte onde atue? Não digais “não”. Se sei que tenho medo, nas minhas relações e a vários respeitos, êsse próprio conhecimento, êsse percebimento mesmo da existência do temor, produzirá uma transformação. Mas a transformação é impossível se se quer transformar o medo noutra coisa, por exemplo, em amor; porque, nesse caso, o amor será uma outra forma do temor. Vêde bem isso, senhores. Se reconheço que tenho medo de alguém e não desejo transformar êsse medo noutra coisa, se sei, simplesmente, que tenho medo, o medo, então, começa a transformar-se em algo totalmente diverso daquilo que a mente deseja.

Enunciemos o problema de outro modo. O problema existe por causa da resistência, e se não há resistência, não há problema. Mas, para se compreender a resistência requer-se extraordinário discernimento e penetração, e não mera determinação ou ação da vontade, dizendo-se: “Não sustentarei resistência alguma”. A própria declaração: “Não sustentarei resistência”, é uma forma de resistência. Entretanto, se compreenderdes a profundidade, a qualidade, as várias modalidades de resistência, existentes na mente — as quais são difficílimas de descobrir — vereis então que o problema do medo nem chega a nascer. A mente está então morrendo todos os dias, não está mais a acumular. E êsse morrer para cada dia significa morrer para tudo o que se sabe, morrer para a experiência, morrer para tôdas as coisas que se têm acumulado, estimado, acalentado. Só então existe a possibilidade do nascimento de uma mente nova, uma mente criadora.

Enquanto se for hinduísta, comunista, budista ou o que quer que seja, não se pode ter um espírito novo. En-

quanto a mente está na sujeição do temor e, por essa razão, observando determinada rotina ou ritual, ela não é uma mente nova. Enquanto se pratica puja e se observam mandamentos — atos êsses que são “projeções” do mêdo — a mente não pode ser nova. Se, ouvindo estas palavras, dizeis: “quero ter uma mente nova”, não a tereis. A mente nova não nasce por obra do desejo e da compulsão. Ela só pode nascer espontâneamente, uma vez compreendida pela mente a sua própria capacidade, suas atividades, suas profundezas.

É importante compreender a verdade a respeito da transformação. A mente não pode repudiar o temor, porque ela própria é temor, e é só isso o que se conhece da mente: o mêdo — mêdo ao que digam de nós, mêdo da morte, mêdo de perder o que se tem, mêdo à punição, mêdo de não alcançar o que se deseja, mêdo de “não-preenchimento”. A mente, pois, nas suas condições atuais, é tôda temor. E quando essa mente deseja transformar-se, continua, não obstante, no campo do temor; êste é um óbvio fato psicológico. Inventa, assim, a mente um “eu superior”, o **Atman**, para operar a transformação; mas êste, também, está na esfera do temor, já que é uma invenção mental. Não importa o que disse Buda, Sankara ou outro qualquer. Tudo continua na esfera do pensamento, e quando a mente aspira à transformação dentro da esfera do pensamento, da esfera do tempo, não há transformação, mas a continuação do mêdo sob nova forma.

O homem que cultiva um ideal nunca conhecerá uma mente nova; e esta é a praga que infesta o nosso país. Somos todos idealistas, que desejamos adaptar-nos à não-violência, a isto ou àquilo. Todos somos imitadores. Eis porque jamais temos a mente fresca, a mente completa e totalmente nova, e só **nossa**, não de Sankara, de Marx ou de outro qualquer. Essa total “novidade”, êsse estado

completo da mente, só pode realizar-se quando não existe experimentador nem experiência; só existe êsse estado quando se pode morrer totalmente para cada dia e para tudo o que se tem acumulado psicologicamente. Só então há a possibilidade de uma regeneração completa. Isto não é coisa irrealizável, não é simples retórica. É uma coisa possível, desde que seja meditada e compreendida a fundo; eis porque é importante conhecer, pesquisar o que é verdadeiro. Mas não se pode escrutar o verdadeiro quando a mente não está silenciosa. Se a mente está sempre a pedir, a exigir, a rogar, a desejar isto ou aquilo, a largar uma coisa para pegar outra, não é uma mente serena.

Sêde serenos, tranqüilos. Vêde as árvores, os pássaros, o céu, a beleza, as riquezas da existência humana. Observai, silenciosa e vigilantemente. Nesse silêncio se manifesta aquela coisa indefinível, imensurável, atemporal.

7 de fevereiro de 1954

COMO salientei no último domingo, a verdadeira revolução, a transformação radical não pode realizar-se no nível físico, mas, única e fundamentalmente, no nível do espírito, e esta noite desejo aprofundar mais ainda esta questão.

A verdadeira revolução é a religiosa, e não a revolução de ordem meramente econômica ou social. Uma revolução fundamental só pode verificar-se quando o homem é verdadeiramente religioso; porque outra qualquer espécie de revolução é puramente uma continuidade, sob forma modificada, do que já existe. Importa compreender-se o que entendo por “revolução religiosa”. A menos que haja uma transformação no nível fundamental do nosso pensar, do nosso ser, as alterações superficiais, de qualquer natureza que sejam, as persuasões, as compulsões, ou os ajustamentos ao ambiente, não constituem a verdadeira transformação. Tais modificações só podem acarretar maiores danos e sofrimentos. A revolução, pois, tem de ocorrer no nível denominado “religioso”, o qual desejo agora considerar.

Antes disso, porém, repito — acho muito importante saber escutar, porquanto nós não escutamos verdadeiramente. Ouvimos palavras, conhecemos-lhe o significado geral e com isso nos satisfazemos. Mas **escutar** é coisa tôda diferente. A meu ver, quando se sabe escutar, êsse escutar, por si só, produzirá aquela revolução fundamental. Es-

cutar não é um esforço, uma vez que o esforço implica continuidade de propósito, continuidade da memória em determinada direção; e a memória é diretora, não é criadora. O escutar, quando sabemos escutar, é uma força verdadeiramente criadora, porquanto no escutar não se requer absolutamente a participação da memória. Quase todos nós, porém, escutamos com uma atitude de resistência. Se digo alguma coisa de que não gostais, ou se digo algo de que gostais, vos pondeis imediatamente a julgar, repelindo o que vos desagrade e aceitando o que vos agrada; mas isso não é escutar. O escutar é um processo em que a mente está verdadeiramente tranqüila, não está interpretando o que ouve, não está traduzindo, mas, sim, acompanhando, sem esforço nenhum — uma vez que o esforço é de efeito destrutivo. Quando se sabe escutar, revela-se em plena luz o significado do que se diz, sua verdade ou falsidade; mas se se opõe a uma sugestão outra sugestão, a uma idéia outra idéia, nunca se descobrirá a Verdade ou a falsidade de uma asserção. Acho muito importante compreender o que estou dizendo neste momento, isto é, que cumpre descobrir a verdade ou a falsidade de tudo o que ouvimos dizer. Cumpre escutar o que se diz, sem se lhe opor uma opinião, uma lembrança, uma experiência anterior. O que estamos tentando, nestas palestras, não é convencer-vos a respeito de coisa alguma, não é persuadir-vos a adotar uma determinada atividade, pois isso seria mera propaganda, sem nenhum valor. O que estamos tentando — vós e eu juntos — é promover aquela revolução radical no processo do desenvolvimento humano total, e não num nível determinado. Parece-me, portanto, sumamente importante saber-se escutar. Não vos estou sugerindo nenhuma linha de ação determinada, não vos ofereço nenhum padrão de pensamento, nenhuma filosofia. A revolução segundo um padrão não é revolução. Quando sabemos em que é que vamos ser transfor-

mados, não há transformação alguma. Mas, se nos transformamos em algo que não conhecemos — o desconhecido — isso é revolução. E desejo nesta noite, se possível, examinar esta questão de modo bastante simples. Temos aí um problema muito complexo, mas eu acho que, se fôr possível acompanhar tranqüilamente, sem oposição nem resistência, o que se vai dizer, a fim de se compreender a sua verdade ou falsidade, então essa verdade ou falsidade produzirá sua ação própria

Para a maioria de nós, religião é dógma, crença, quer se trate da religião comunista, da cristã ou hinduísta. O dogma, a tradição, os rituais, as esperanças, a luta perene para “vir a ser” alguma coisa, alcançar o ideal — o homem ideal, o amor ideal, o Estado ideal — é o que chamamos religião. Mas isso, por certo, não é religião. Religião não é conformidade, religião não é uma busca, impulsionada pelo pensamento contínuo. Religião é coisa totalmente diversa. Eis porque muito importa compreender essa palavra, não de acôrdo com o que pensais ou o que eu penso, mas compreender-lhe a significação, tôda a sua significação e alcance. A mente é capaz de criar qualquer forma de ilusão, ilusão que pode ser o ideal, ou Deus. Mas o culto dessa ilusão não é religião. A ilusão, a “projeção” da mente que — sob qualquer forma ou em qualquer nível que seja — quase todos nós adoramos, é uma coisa nascida da esperança, nascida do desejo, da ânsia. Esse desejo pode criar uma imagem; e a imitação, a busca dê-se ideal, o “tornar-se êsse ideal” está sempre confinado na continuidade da mente. A mente não pode produzir nenhuma revolução, nenhuma transformação radical. O que poderá produzir a revolução radical, a revolução total no pensar do homem, é a cessação da continuidade da mente como pensamento.

Tende a bondade de escutar. Não compareis o que estou dizendo com o que tendes aprendido ou lido nalgum

livro religioso ou outro qualquer. Não compareis. Se comparais, não estais então **escutando** o que digo. O importante é **escutar** o que se está dizendo. Quando comparais, nunca encontras a verdade ou a falsidade do que ouviste dizer, porque a vossa mente está então ocupada com a comparação e não com a compreensão do que é. Assim, pois, as invenções da mente, quer sejam as de ordem puramente física, científica ou abstrata, quer sejam as invenções consistentes em “projeções” dela própria, em ideais dela própria, a que ela chama Deus, Verdade, Amor, — o copiar dessas projeções, o esforço para alcançá-las, tudo isso é continuidade da mente.

Sabemos o que é a inveja, e temos uma idéia de que ser verdadeiramente religioso é achar-se num estado de “não-inveja”. O homem invejoso, evidentemente, não é um homem religioso, tão pouco como o é o homem ambicioso, seja no nível físico, seja no nível psicológico. Ora bem, ouvindo dizer que a inveja não é um sentimento religioso, e verificando ser a inveja uma série de lutas e dores, e que ela só traz sofrimentos, diz a mente: “Não devo ser invejosa” e isso importa em “vir a ser” — a continuidade do estado de ser invejoso, como o denominamos. O ideal, a perseguição do ideal, que chamamos “vir a ser não-inveioso”, é ainda “inveja”.

Estamos falando agora sobre a cessação do “vir a ser”, na qual, tão-somente, é possível aquela revolução que é a verdadeira revolução religiosa. Parece-me importante compreender isto. Nossa educação, nossa cultura, as influências que nos cercam, nosso condicionamento, tudo é “vir a ser”. Este é um fato óbvio, não achais? Sou pobre e quero tornar-me rico. Sou invejoso ou violento ou irascível, e acho que devo tornar-me pacífico, não ambicioso — quer dizer, devo “vir a ser alguma coisa”. Assim, nosso condicionamento e cultura, no seu todo — social, econô-

nico, religioso — é “vir a ser”, é processo de “vir a ser”. Isto não é um fato? Observai o funcionamento da vossa mente, para verdes que é um fato evidente. O “vir a ser” é continuidade do “eu”, da idéia, um processo constante; e esse processo nunca poderá produzir uma revolução. Só é possível revolução, modificação, transformação radical, ao cessar o “vir a ser” — não quando me torno “não invejoso”, mas quando não há mais inveja.

Consideremos o ideal da “não-violência”. Dizeis: “Tornar-me-ei não-violento”. Afirmais que ireis praticar o ideal da “não violência”. Isto é, tornar-vos-eis não-violento. Sois violento; mas, mediante um processo de meditação, exercício, disciplina, vos tornareis “não violento”. A “progressão” da violência para a não violência, não é revolução; é meramente um processo de “vir a ser”, e, conseqüentemente, não há transformação nenhuma. A mente que se acha num constante “vir a ser”, numa constante busca, deixando-se constantemente persuadir, condicionar, nunca se tornará “não violenta”; nessa mente nunca será possível uma revolução fundamental. Só quando a mente reconhecer o processo de “vir a ser” no tempo, e reconhecer que a cessação do “vir a ser” é o **ser**, só então haverá o **ser**; nesse **ser**, e só nêle, é possível a revolução radical.

Pois bem, se escutardes, vereis que enquanto a mente — que é o centro de todo “vir a ser”, já que a mente é resultado do tempo e o tempo é contínuo — enquanto a mente estiver cultivando um ideal e “se tornando” alguma coisa, não poderá haver transformação. Só pode haver revolução, revolução radical, revolução total no desenvolvimento do homem, quando cessa o “vir a ser” — e não quando a mente “se torna” uma mente perfeita; a mente não pode tornar-se perfeita, a mente não pode ser livre e sem “vir a ser”, porque a liberdade implica a cessação da continuidade **do que foi**. Assim, pois, ao reconhecerdes a

verdade a êsse respeito, haverá o silêncio da mente, e isso não significa que a mente **se tornará** silenciosa; o silêncio não pode ser **alcançado**, a mente não pode **tornar-se** silenciosa. Porém, quando percebe que “vir a ser” é processo de luta, processo de esforço, e que o esforço não pode produzir a paz, porque **o que foi** não sofrerá solução de continuidade, no tempo, — quando a mente percebe bem isso, não há mais “vir a ser”. Só com o terminar do “vir a ser”, há o silêncio mental.

Prestai atenção a isso, por favor. Quando há silêncio, nesse silêncio não há “vir a ser”. Ninguém pode “tornar-se” silencioso. Se se faz algo para se tornar silencioso, o que se obtém é apenas a continuação de uma atividade, a que se dá agora o nome de “silêncio”, mas que tinha antes o nome de sofrimento. Destarte, a compreensão do “vir a ser” é o comêço do silêncio, e êsse silêncio é o “estado de ser”, é a compreensão total do processo do homem; e êsse **ser** é revolução, a transformação total do nosso existir; só então há a possibilidade de surgir o atemporal, o Eterno. Só são verdadeiramente revolucionários os homens que alcançaram aquêlê estado, porque já não pensam em “têrmos” de ajustamentos econômicos, sociais ou temporários.

Acho da maior importância compreender isso, porque os mais de nós, principalmente neste país, estamos contaminados pela praga do ideal, do cultivo do ideal. Todos queremos **tornar-nos** a pessoa ideal, o **ser** perfeito; por essa razão, praticamos disciplinas, sustentamos uma luta perene para **nos tornarmos** alguma coisa, e por isso nunca **somos**, em momento algum. Estamos sempre “nos tornando”, e nunca **somos**; nenhum momento é **cheio**, para nós; só o amanhã está **cheio**. Dessa maneira, perdemos o movimento da vida; a plenitude da vida. Se observardes a vossa mente, vereis jamais estamos quietos um minuto, mas

sempre tentando ficar quietos. Só conhecemos o esforço, só conhecemos o “vir a ser”.

Conhecemos o ideal do silêncio, nossa mente persegue constantemente êsse ideal, lutando, disciplinando-se, controlando-se, moldando-se, para alcançar aquêlê silêncio em que o Real pode manifestar-se; mas o Real nunca surgirá naquêlê silêncio, pois aquêlê silêncio é “vir a ser”. Só quando a mente compreende, na sua totalidade, o processo de “vir a ser”, perseguir, lutar, moldar-se, para ser outra coisa, só então há a possibilidade de cessar o “vir a ser” e operar-se a revolução, só então a mente é verdadeiramente religiosa. O homem religioso não é aquêlê que se torna um **Sanyasi**, que luta para “vir a ser”, alcançar virtudes ou tornar-se um “homem ideal”. O homem religioso é aquêlê que desistiu de “vir a ser”; por essa razão, para êle há só **um único dia, um único momento** — e não o momento de ontem, ou o momento de amanhã. Êsse homem é o verdadeiro revolucionário; porque êle se integrou na realidade.

Releva não apenas escutar o que se diz, mas que se saia daqui como um ente humano completamente transformado — não por ter adquirido idéias novas, uma nova perspectiva das coisas, valores novos, ou por ter abandonado a tradição — que são puerilidades, atividades próprias da imaturidade. O importante é a mente não deixar espaço em si senão para o “estado de ser”.

Nosso espírito está sendo continuamente moldado por nós mesmos, pelas circunstâncias. Estamos sendo empurrados em todos os sentidos, sendo condicionados, como hinduístas, católicos, cristãos ou comunistas. Enquanto nos acharmos nesse estado, não criaremos um mundo novo. Só o homem que nenhuma outra religião tem senão a religião do “ser” — o “estado de ser” não tem nenhum espaço, nenhum canto onde a mente possa “vir a ser alguma coisa” — só êle criará um mundo novo.

Vós e eu temos de produzir um mundo novo — não o novo mundo ideados pelos comunistas, católicos ou capitalistas, mas um mundo totalmente diferente, um mundo livre, livre no movimento do ser e não do “vir a ser”. Nunca é livre o homem no “vir a ser”; está sempre a lutar, sempre competindo para “vir a ser”; jamais é livre. Prestai atenção a isso, por favor. Escutai-o. Se escutardes verdadeiramente, vereis que existe a liberdade sem “vir a ser”. Só nessa liberdade sem vir a ser pode um homem ser realmente feliz; o homem que a alcança é o homem feliz, integrado naquele espírito fundamental que cria o mundo novo.

Como tenho dito, o importante ao fazer-se uma pergunta, não é achar a resposta, mas compreender o problema, porque só o problema existe, e não há resposta. Fazer uma pergunta é coisa fácil; mas penetrar o problema é extremamente difícil e relevante, porque, sabendo-se de que se constitui o problema, o próprio percebimento do problema é a compreensão do problema. No momento em que posso formular o problema com tãda a clareza e simplicidade, a resposta se apresenta — não tenho de procurá-la mais longe. Mas, em geral, nós não sabemos o que é que constitui o problema. Vemo-nos confusos com respeito ao problema, e, naturalmente, por causa dessa confusão, procuramos soluções; e essas soluções só produzião mais confusão.

Compreendi, de uma vez por tãdas, que não há respostas para a vida. A vida é uma coisa viva, e não uma coisa que tem fim; a vida é o problema. Se sou capaz de compreender, no seu todo, o “processo” do problema, êle é então para mim uma coisa viva, e não uma coisa que me faz fugir e que me assusta. O importante, pois, não é a resposta, mas que se apresente o problema de modo claro e simples e se perceba tudo o que êle implica. Porém, a

mente que busca uma resposta, é uma mente sem penetração, uma mente estúpida. A mente que percebe o problema no seu todo, na sua sutileza, que percebe seu conteúdo e significação, suas variações e sua extensão, torna-se, ela própria, o problema. Quando a mente é o problema, já não busca resposta alguma. Sendo o problema, ela se torna quieta; e no momento em que a mente está quieta, não existe mais problema algum. Releva pois, não indagar uma solução, mas dispormo-nos a penetrar o problema.

PERGUNTA: *Na Índia, atualmente, estamos em presença de um crescente totalitarismo. Os guias políticos mascararam a sua autoridade com afetações de complacência, virtude e boas intenções. De uma parte, temos essa crescente autoridade; de outra parte, observa-se um servilismo rastejante, corrupção e desintegração. Como fazer face a essa derrocada, a não ser guerreando a autoridade em todas as frentes? Qual a vossa maneira de enfrentar esse desafio totalitário?*

KRISHNAMURTI: Existe uma maneira “minha” ou uma maneira “vossa”? Ou só a Verdade existe, para enfrentar o desafio? Compreendeis, senhores? Não há uma maneira minha nem uma maneira vossa de enfrentar o desafio; qualquer dessas maneiras é danosa. Só há **a maneira correta**. Quando se fala de “minha maneira” ou “vossa maneira”, não se está vendo claramente o problema; só se está criando uma autoridade a mais — a de minha pessoa. Percebeis bem a questão?

Pôsto diferentemente, o problema é este: Porque seguimos? Este é que é o problema, e não o político que usa de sua autoridade, ou o homem religioso que usa de sua autoridade; estes disfarçam a sua autoridade sob a capa de palavras suaves, melodiosas. Assim hão de proceder

sempre os que têm interêsses para defender: encobrendo sua ambição com o nome de “amor pela Índia”, “amor pela paz”, “amor a Deus”; ambiciosos que são, põem o patriotismo ou o nome da paz a serviço dos seus próprios interêsses. Homens desta espécie existirão sempre; mas não são êles o problema.

O problema é: “Porque **seguis**?”. Compreendeis, senhores? Porque **seguis** — não um determinado guia, um determinado instrutor, uma determinada idéia, uma determinada experiência, ou um determinado ideal — mas, só, porque **seguis**? Se se puder compreender êste problema, o outro será resolvido imediatamente. Não é problema nenhum. Não estamos discutindo sôbre se se deve seguir ou não seguir; não queremos saber se é bom ou se é mau seguir. Se é imoral seguir, não é êste o problema, por enquanto. O problema é: Porque **sig**? Porque **seguis**? Pode-se rejeitar a autoridade exterior, não ter guia, um modelo exterior; mas pode-se ter um ideal próprio, uma experiência própria, um saber acumulado, próprio, a que se segue. Estou apreciando o processo total do seguir, e não a substituição de uma autoridade por outra, de um mentor por outro — que são atividades puramente infantis. Se pudermos porém, investigar a questão, o problema: “Porque seguimos?”, chegaremos então, talvez, a compreender o problema da autoridade.

Quando vos perguntam porque **seguis**, não sabeis a razão por que o fazeis. A razão é bastante óbvia. Vós **seguis** por algum motivo, visando a alguma satisfação, algum ganho, algum fim. Mas essa reação tôda instintiva, de seguir alguém, de seguir um ideal, de seguir uma experiência havida há dez anos e que se deseja de novo agora — e por isso **seguis**, e lutais para alcançar aquela riqueza — êsse processo total do **seguir** é o problema. Quando começais a seguir, logo tendes um mestre, e criais a autori-

dade. Mas se se acabar o **seguir**, não há mais autoridade, já não há mentor. Sois então uma luz para vós mesmo. Tende a bondade de fazer-vos esta pergunta: "Porque sigo?". Vós não estais cônscios do vosso **seguir**, e é muito importante saber disso. Estais num desconhecimento completo --- não só superficialmente, mas também nas camadas mais profundas da vossa consciência — de que **seguis**. Entretanto, se dizeis "sigo por tal e tal motivo, desejo, fim, ou porque tenho medo, ou porque sou isto e sou aquilo" — não estais, nesse caso, investigando porque **seguís**; estais, tão só, aduzindo razões, conclusões lógicas. Mas sabeis que, quando seguís um guia político, um mentor ou um livro — sagrado ou profano, o Gita, os Upanishads, a Bíblia, ou Marx — sabeis que só estais seguindo palavras? Todo o processo da nossa vida, tanto profunda como superficialmente, é o processo de seguir. Seguir é imitação; não o ignoramos. Como pode a mente, cujos conhecimentos e funções estão limitados pelo seguir, pela imitação, pela criação da autoridade, enfrentar e compreender e derribar a autoridade? O seguir é destrutivo. Podeis perceber a verdade ou a falsidade a êsse respeito, a verdade ou a falsidade da asserção de que o **seguir**, de qualquer espécie e em qualquer nível que seja, é totalmente destrutivo, dissolvente? Ou percebeis a verdade a êsse respeito e a aceitais, ou a rejeitais. Mas não a podeis aceitar nem rejeitar, se ignorais que estais seguindo. Se não seguís alguém, estais seguindo o vosso próprio desejo, ou externalizando os vossos desejos e seguindo o político, ou o instrutor espiritual, ou o Livro.

Nestas condições, já que estais a seguir os vossos próprios "motivos", vossos próprios desejos, necessitais da autoridade. E o seguir é destrutivo, um processo desintegrante — sabemo-lo muito bem aqui na Índia, onde não há outra coisa senão guias e seguidores. Não estais **seguindo**? Não sois um povo livre. Podeis ter um novo go-

vêrno, uma burocracia nativa; mas não sois um povo livre, porque liberdade implica “não seguir”. Senhor, só quando pensardes verdadeiramente a êsse respeito e compreenderdes tudo isso, só então haverá liberdade, haverá a revolução total; só então poderá ser criado um mundo novo. Mas, se estais **seguindo**, a vós mesmo vos estais destruindo. Quando seguís vosso mentor, estais destruindo a vós próprio e ao vosso mestre. Prestai tôda a atenção a isso, compreendei a sua verdade. Não digais “concordo” ou “não concordo”, porque isso é maneira infantil de pensar. Se não sabeis que estais seguindo, não estais autorizado a dar uma opinião. Se não sabeis porque seguís, se não conheceis todo o processo respectivo, não podeis decidir se deveis seguir ou não seguir. Mas, se compreenderdes a idéia do seguir, não criareis mais essa dualidade e não haverá luta alguma para seguir ou para não seguir.

Nossa mente, que tão acostumada está a seguir, a imitar, só é capaz de reagir com o “não seguir” e “não imitar”. Cria-se assim o problema da dualidade: — “Até agora tenho seguido; agora não devo mais seguir”. Mas a solução não é esta. Quando dizeis: “Não devo seguir”, essa declaração mesma produz sua autoridade própria. Ou vós mesmo vos tornais a autoridade, ou a pessoa que diz que não deveis seguir. Se compreenderdes, porém, inteiramente a significação do seguir — significação que a maioria de nós desconhece totalmente — haverá então a cessação do seguir. Haverá então criação, e é disso que se necessita — e não a rejeição de uma autoridade e a aceitação de outra, mais agradável ou menos agradável. Mas deveis perceber que o seguir, a todos os respeitos, é destrutivo, um processo de desintegração, deveis estar côm scio disso, sem fazerdes escolha, para não haver dualidade. O percebimento é um processo em que não existe dualidade. O percebimento é um estado em que não há escolha mas a visão do que é, sem se tentar transformar o

que é noutra coisa. Só nesse percebimento existe a possibilidade de liberdade, e só nessa liberdade pode haver criação.

PERGUNTA: *Tenho-vos ouvido sempre que falais em Bombaim. Quando vos ouço, sinto uma grande claridade e compreensão; mas depois que vos ides, vejo-me novamente emaranhado nos inumeráveis hábitos de ação e de pensamento. Não é necessário que eu, de uma vez por tôdas, vos compreenda ou desista de ouvir-vos?*

KRISHNAMURTI: Senhor, o importante é saber escutar, não só ao que eu digo, mas a tôdas as coisas da vida --- os cantos dos pássaros, o estrondo das ondas do mar, o grito de uma ave, tudo, enfim, que vos cerca. Como não sabemos **escutar**, caímos no hábito de ouvir e êsse hábito embota-nos a mente. Se ficais no costume de freqüentar estas reuniões, ano após ano, só para ouvir e não para **escutar**, vossa mente se torna embotada. A vossa vinda aqui se torna outra espécie de ritual, uma prática anual. É o que tem acontecido a quase todos nós. Estamos embotados pela repetição de idéias, pelo ouvir sempre e sempre, invariavelmente, a mesma coisa, pela execução dos mesmos ritos estúpidos e vãos, perseguição dos mesmos ideais ou substituição dêsses ideais por outros ideais. Essa incessante luta, interior e exterior, sobretudo interior, essa batalha do "vir a ser" nos está tornando embotados. Entretanto, se souberdes escutar verdadeiramente uma fala, se souberdes **escutar** uma idéia, vereis como a vossa mente se tornará sobremodo vigilante, penetrante, clara, sutil. Podereis, então, escutar repetidamente as minhas palestras e encontrar sempre, em cada uma delas, uma significação nova e novas riquezas — riquezas que vos ficariam perdidas se só ficásseis ouvindo.

Senhor, não sabeis apreciar a beleza de uma árvore ou de uma pessoa. Embora passeis por ela todos os dias, sem percebê-la, a beleza lá está. Nunca olhais para as estrelas, para o céu. Jamais escutais um grito de criança. Nunca escutais essas coisas, porque vossa mente anda muito ocupada, só Deus sabe com que: suas ansiedades, seus esforços de “vir a ser”, seus temores. Através dessa cortina de medo, ansiedade, esperança, frustração, ouvís as minhas palavras e tirais as vossas conclusões. Não há nada, com efeito, nada absolutamente, no que eu digo, que não possais compreender. Não estou propagando idéias novas, não vos estou dando instruções para seguirdes, pois isso seria instituir uma nova autoridade. Deveis abandonar tôda e qualquer espécie de autoridade, para poderdes escutar corretamente. Se, abandonando a autoridade, deixando de seguí-la, vierdes escutar o que digo, mostrar-se-vos-á então a sua verdade ou falsidade. Mas a mente ocupada é incapaz de escutar. Nossa mente, em geral, está muito ocupada — com seu amor, seus rancores, suas ânsias, sua inveja, seus esforços para ser boa. Uma mente ocupada é uma mente medíocre.

Sabendo escutar, a mente se torna nova, clara, imaculada; ela não pode ser comprada, não pode nascer por obra da autoridade, ou pelo **seguir**. Precisamos, portanto, compreender o que escutamos e, pela observação da nossa própria mente, descobrir a verdade respectiva. A Verdade não se acha distanciada da mente. Ela parece distanciada, agora, porque a nossa mente está tão confusa. Um homem que está procurando respostas ou soluções, está querendo achar a verdade no meio da confusão e, por isso, a resposta que terá, a respeito da Verdade, há de ser também confusa.

PERGUNTA: *Nos momentos de agonia e desespero, submeto-me sem esforço a "Ele", embora não "O" conheça. Isso afugenta o meu desespero; de outro modo eu seria destruído. Que vem a ser essa submissão, e achais que ela é um processo incorreto?*

KRISHNAMURTI: O espírito que, deliberadamente, se submete a algo desconhecido está adotando um processo errôneo, assim como o homem que cultiva deliberadamente o amor, a humildade, sem ter nem amor nem humildade. Se, sendo violento, estou tentando tornar-me "não violento", continuo violento. Se estou praticando exercícios de humildade, isto é humildade? É só "respeitabilidade", não é humildade. Percebeis a verdade disso, senhores? Não sorriais, nem digais que é uma asserção sutil. Não é uma asserção sutil. Um homem que deliberadamente se está persuadindo a ser bom ou se está submetendo a algo a que chama "Deus", "Ele" — está fazendo tal coisa calculadamente, por ação da própria vontade. Essa "submissão" não é submissão; é auto-esquecimento, uma substituição, uma fuga; é o mesmo que uma pessoa mesmerizar-se ou tomar um narcótico ou repetir palavras ôcas.

Penso haver uma qualidade de submissão, não deliberada, uma submissão não solicitada e não buscada. Quando a mente está solicitando alguma coisa, isso não é submissão. Se a mente solicita a paz, se diz "amo a Deus e cultivo o amor de Deus", isso não significa amor. Tôdas as atividades mentais deliberadas representam a **continuação** da mente, e tudo o que tem continuidade está no tempo. Só na cessação do tempo, é possível a existência da Realidade. A mente não pode submeter-se. O que pode fazer é só "estar quieta, silenciosa"; mas essa quietude não pode existir quando há desespero ou quando há esperança. Se se compreender o processo do desespero, se a

mente perceber todo o significado do desespero, vereis a verdade a seu respeito. Tem de haver desespero, necessariamente, quando desejamos uma coisa e não podemos obtê-la — um carro ou uma mulher, ou Deus; tudo é da mesma qualidade. No momento em que se deseja algo, esse próprio desejo é o começo do desespero. Desespero significa frustração. Se alcançásseis o que desejais, ficaríeis satisfeito; mas, como não podeis alcançá-lo, dizeis: “Tenho de submeter-me à vontade de Deus”. Se obtivésseis o que desejais, ficaríeis completamente satisfeito; mas acontece que essa satisfação é efêmera, e quando ela se acaba vos pondeis a procurar outra coisa. Estais, por conseguinte, mudando constantemente o objeto da vossa satisfação; esse modo de agir traz suas recompensas, suas dores e sofrimentos e pesares.

Se compreenderdes que o desejo, de qualquer espécie que seja, se faz acompanhar da frustração, do desespero e, por conseguinte, do conflito dual da esperança; se virdes realmente esse fato; se, sem dizerdes “Como posso pôr-me em tal estado?”, percebeis simplesmente que o desejo é produtivo de dor, então, esse próprio percebimento faz silenciar o desejo. O estar cômico, sem se fazer escolha, pura e simplesmente cômico de que a mente é “barulhenta”, de que ela se acha num movimento constante, numa constante luta, esse percebimento mesmo faz cessar todo aquêlê barulho, sem se fazer escolha alguma. O percebimento é que é a coisa importante, e não o afugentar do desespero, a **obtenção** do silêncio. A inteligência pura é aquêlê estado mental em que há um percebimento isento de escolha, em que a mente está silenciosa. Nesse estado de silêncio só há o ser; nêle, surge aquela Realidade, aquela maravilhosa atividade criadora, que está fora do tempo.

DESEJO continuar a falar sôbre o que estávamos apreciando na quarta-feira passada, ou seja o problema da transformação. Este problema é importantíssimo e merece ser considerado com profundidade; porque a transformação só parece produzir mais confusão, mais labôres e mais sofrimentos, como qualquer de nós pode observar, dia a dia. Desejo investigar, nesta tarde, se é possível modificar, operar uma quebra total do **centro**, de preferência a nos satisfazermos com superficiais modificações periféricas. É possível operar-se uma transformação no centro, sem se cultivar um certo **fundo** (**background**), e sem se reforçar êsse **fundo**, no processo da transformação? É possível mudança, uma quebra completa, uma revolução, sem o cultivo da memória? Geralmente, no processo de nos transformarmos, estamos sempre nutrindo a memória: “Fui isto ontem, serei aquilo amanhã”. Este “serei” é cultivo da memória; por essa razão, não há transformação fundamental, radical, no **centro**.

Espero tenhais paciência para **escutar**. A comunicação entre as pessoas é, em qualquer circunstância, difícil, porquanto as palavras têm significação precisa; conscientemente, aceitamos certas definições e procuramos traduzir o que ouvimos em conformidade com tais definições. Se começamos, porém, a definir cada palavra ou se definimos só certas palavras, para aferição, se apenas isso fazemos, a comunicação ficará no nível consciente. O que

se está discutindo, parece-me não deve ser compreendido puramente no nível intelectual, mas ser **absorvido** — se posso empregar êste termo — inconscientemente, profundamente, sem o formular de definições. Muito mais importante é **escutarmos** com tôda a profundidade do nosso ser, do que nos contentarmos com simples explicações superficiais. Se somos capazes de escutar com a totalidade do nosso ser, êsse escutar, em si, é um ato de meditação.

A meditação que praticamos conscientemente não é meditação, e sim, tão só a “projeção” da mente consciente, da memória. Tendês de escutar com a totalidade do vosso ser, sem esforço algum, sem luta, e com a intenção de compreender, de explorar, de descobrir, de achar realmente a Verdade ou a falsidade do que estou dizendo. **Descobrir** significa achar-nos num estado mental em que tenha cessado completamente a luta, o conflito consciente para compreender, descobrir. A meu ver, tal ato de **escutar** é meditação. Para descobrir a verdade relativa a alguma coisa, não de acôrdo com nosso desejo, nossa simpatia ou antipatia, nem de acôrdo com determinada tradição em que fomos educados, deve a mente ser capaz não só de compreender o som “superficial” que se está ouvindo, isto é, as vibrações do som, mas também de descer à maior profundidade, através dêsse som.

É um problema muito difícil, êsse, de **escutarmos** com a totalidade do nosso ser — quer dizer, quando a mente não apenas escuta as palavras, mas é capaz de transcender as palavras. O mero julgamento, pela mente consciente, não é descobrimento nem compreensão da Verdade. A mente consciente não pode, jamais, achar aquilo que é real. Ela só é capaz de escolher, julgar, pesar, comparar. A comparação, o julgamento ou a identificação não é uma maneira de descobrir a verdade. Eis porque é tão importante saber escutar. Ao lerdes um livro, é bem provável

traduzais o que ledes de acôrdo com vossa tendência particular, vosso saber ou idiossincrasia, perdendo, dêsse modo, a inteira significação daquilo que o autor deseja transmitir; é possível, também escuteis dêsse modo. Mas, para compreender, descobrir, devemos ouvir sem a resistência da mente consciente, só interessada em debater, discutir, analisar. O debater, o discutir, o analisar é um obstáculo, ao tratar-se de questões que requerem, não meras definições verbais e superficial compreensão, porém compreensão num nível muito mais profundo e fundamental. Essa compreensão, a compreensão da verdade, depende da maneira como escutamos.

O que nos está interessando agora é a necessidade da transformação. Reconhecemos necessária uma revolução fundamental. Não emprego a palavra "revolução" no seu sentido político. No sentido político, se há revolução, isso já não é revolução: é simplesmente uma "continuidade modificada". Refiro-me, sim, àquela modificação fundamental que é a única a que se pode chamar "transformação". É possível operar essa transformação radical pela ação da vontade? A vontade é a continuidade de uma decisão baseada na memória, no conhecimento, ou na experiência; a vontade é a reação da mente condicionada, da mente que vive encerrada na tradição, na experiência, no saber; e o saber é que determina, que cria o padrão pelo qual se operará a transformação. Conseqüentemente, pode uma transformação operada pela ação da vontade ser radical? Quando sei em que direção me estou transformando e sei quais serão tôdas as conseqüências dessa transformação baseada na minha própria experiência, — sendo minha experiência uma reação do meu condicionamento — essa transformação pode ser radical?

Desejo transformar, porque reconheço a importância, a necessidade da transformação, não só em mim mesmo, mas na sociedade; reconheço, lógica e interiormente, a sua

imperiosa necessidade, porque a sociedade, tal como está, e eu tal como sou, apenas produzimos mais desordem, mais caos e mais sofrimentos; êsse é um fato ôbvio, quer o aceiteis, quer não. Já que estamos condicionados, tôda ação proveniente de nossa mente condicionada só pode ser produtiva de mais confusão ainda; porque, se eu estou confuso, tôda ação oriunda desta minha confusão redundará numa confusão maior ainda. Nós estamos confusos; eis o fato que, em geral, não gostamos de admitir. Não importa se vos intitulaís comunista, socialista, cristão, hinduísta, ou budista, o fato é que a vossa mente — se a observardes bem — se acha num estado de contradição, num estado de confusão. Quando tendes uma certa crença, um certo dogma, ficais apegado a êsse dogma, a essa crença. Isso, psicologicamente, é claro indício de confusão, porquanto a crença tem a função de um refúgio seguro, onde vos escondeis de vós mesmo. Êsse refúgio é vossa própria “projeção”, nascida da vossa confusão.

A mente que procura compreender a necessidade fundamental da transformação deve perguntar constantemente, de si para si: “É possível operar alguma transformação sem a ação da vontade?” Estais compreendendo, senhor, o problema decorrente desta pergunta? Isto é, minha vontade nasceu do meu passado, foi criada pelo meu saber, pelas experiências que acumulei. Êsse acumular resulta de meu condicionamento. O condicionamento é o ambiente cultural em que fui criado, a religião, os valores sociais, etc. Dêsse **fundo** nasce a vontade de ser, de mudar, de “continuar”. Eis um fato psicológico. Quando se observa a ação da vontade, vê-se que a vontade não pode operar nenhuma transformação radical. Se não pode fazê-lo, que mais poderá produzir a transformação radical? Que coisa terá o poder de quebrar essa constante acumulação de memória, de experiência, de saber, de onde procede a ação? Esta é uma pergunta importante que vos deveis fa-

zer, para achardes a verdade respectiva. Não é suficiente escutardes meramente o que eu digo, porque o problema é vosso. Vós tendes de examiná-lo, compreendê-lo.

A vontade é o “eu”, o processo do “eu”; não podendo operar uma transformação radical, a mente projeta a idéia de Deus, e diz: “Deus tem o poder de transformar”, “existe a graça de Deus”, etc. Isto é, quando a mente se vê na impossibilidade de operar em si mesma uma transformação radical, por suas próprias forças, sua própria volição, ela se “projeta”, identificando-se com uma coisa que irá produzir a transformação. A “projeção”, porém, é ainda ação da vontade, ação do “eu”, que deseja transformar-se; vendo-se incapaz de transformar-se pelas suas próprias atividades, o “eu” se identifica com uma idéia ou uma suposta realidade que êle criou, relativa a Buda, a Cristo, ou quem quer que lhe agrade, e queda-se na esperança de que, por intermédio daquela realidade, virá a transformação. Mas aquela “projeção”, as atividades daquela projeção, e a reação dela proveniente, continuam a fazer parte da ação da vontade; não há, portanto, transformação radical no **centro**.

O problema agora, certamente, é o seguinte: que coisa poderá produzir a transformação dêsse **centro**? Deus, a Bem-aventurança, uma Idéia? Será, essa coisa, algo totalmente diverso, não projetado pela mente, nem, tampouco, fruto de sua atividade? Essa mudança, que é a transformação do **centro**, do eu, não pode ser realizada pela ação do próprio eu, pela vontade. O eu que se transforma é resultado de sofrimento, de prazer, de experiência e memória; e quando êle diz: “devo transformar-me em algo”, êste algo é projeção do eu, corporificada no Mestre, no “Guru”, no Salvador, e assim por diante. Através do Salvador, do “Guru”, — projeções do meu eu — desejo engendrar uma transformação.

Se negais tudo isso e afirmais que as circunstâncias ou o domínio da natureza constituem a única possibilidade de transformação, isso significa que vossa mente está controlada pela chamada educação em moldes comunistas, ou católicos ou hinduístas. Este processo controla o espírito, molda-o; e este moldar da mente não pode produzir aquela radical transformação no **centro**.

Compreendeis o problema? Desejo transformar-me. Vejo a impossibilidade da transformação pela ação da vontade. Vejo que não pode haver transformação alguma com a projeção do passado no futuro: o “conhecido” projetar-se no futuro, representando o “desconhecido” e sendo, não obstante, “o conhecido”. Vejo, por conseguinte, como a mente pode ser moldada pelas circunstâncias. Pela educação que me é dada, desde a meninice, pode a minha mente ser condicionada de maneira tão completa, que fico funcionando como uma máquina, ajustada para crer ou descrer. Vejo que isso também não é transformação. Para que se possa criar um mundo completamente novo, um Estado novo, uma nova existência, compreender que este mundo não é um “mundo católico” nem um “mundo hinduísta”, mas **nosso mundo**, (e **sentí-lo** assim, é compreender-lhe toda a riqueza) faz-se necessária uma transformação radical no centro, com a cessação completa da existência do “eu” e do “meu” — minha Índia, minha religião, minha experiência. É lá que deve ser efetuada a transformação radical. Como efetuá-la?

Tende a bondade de prestar atenção. É correta esta pergunta: “**Como** efetuá-la?” Existe algum método, algum sistema de fazê-la? Qualquer sistema ou método implica a continuidade da memória, o cultivo da memória, e daí, por conseguinte, não resulta transformação nenhuma. Quando pergunto a mim mesmo como é possível quebrar aquele centro e busco um método, esse mesmo método, esse mesmo sistema produzirá o resultado que o sistema dá. Esse

resultado, porém, não é a transformação; em lugar do método, do sistema que eu cultivava antigamente, estou a cultivar um método novo, um sistema novo. Nessas condições, o “como” é justamente a negação da transformação radical. Observai, por favor, a vossa própria mente. Pôsto o problema da transformação radical, a vossa reação imediata, no mesmo instante em que o ouvis, é a seguinte: “Dizei-me o que devo fazer”. Dizer-vos o que deveis fazer não traz nenhuma transformação. Quereis alcançar o estado de segurança, de certeza, através de um método, e justamente o desejo de certeza é a negação da transformação. Se compreenderdes bem isto, não direis no fim desta resposta: “Não nos dissestes o que devemos fazer, sois muito vago”.

O que existe é o problema, e não a solução. Se conhecerdes o fundo do problema, a resposta estará lá. O próprio problema revelará a solução. Mas, uma vez que estais buscando a solução do problema, estais tocando apenas a sua superfície. Temos o problema da transformação, da transformação radical no **centro**. Não pode essa transformação ser operada pela volição, por nenhum ato de vontade, exercício, ou sistema de meditação. O “processo” mesmo da meditação, como a praticais, significa o cultivo de certa idéia, certa disciplina, e, por consequência, só tem o efeito de reforçar o “eu”, o **centro**; e qualquer espécie de “projeção” proveniente do **fundo** (background), ou a experiência de tal projeção, continua a ser uma maneira de fortificar o “eu”. Quando tendes êsse problema, quando o tendes realmente diante dos olhos, a vossa mente se torna de todo tranqüila. É só quando se quer fazer uma modificação, uma modificação superficial, que a mente se torna agitada, e trabalha, e forceja, e luta. Mas quando se percebe o significado pleno da revolução fundamental, da transformação fundamental, aí, a mente, na presença dêsse enorme e complexo problema, se torna tranqüila. Se escutais devida-

mente e se compreendestes o problema em sua profundidade, vereis, então, que vossa mente está tranqüila. O próprio problema põe a mente tranqüila, silenciosa. Quando a mente está quieta diante do problema, há então a transformação no **centro**. Êsse processo total da compreensão do problema, é meditação. Essa meditação não significa sentar-se e ficar lutando com o problema, mas, sim, compreendê-lo — durante um passeio a olhar as estrêlas, o mar, as sombras das árvores, um sorriso. É um processo total; porque do problema decorre a compreensão do desenvolvimento do homem. Só então a mente está tranqüila, sem fazer nenhum movimento, sem nada “projetar”, desejar, esperar. O silêncio não é uma palavra, mas um “estado de ser”. Ninguém pode tornar-se tranqüilo, silente, por mais esforços que faça — exercícios, disciplinas, contrôle, refreamento. Toda ação dêsse gênero apenas conduz a **resultados**. O silêncio não é um resultado, é um “estado de ser”, de momento a momento. Assim, pois, quando a mente compreende o problema da transformação radical, momento por momento, há, então, aquêle silêncio que não é silêncio produzido pela acumulação, silêncio produzido pela memória, mas um “estado de ser” — silêncio que está fora do tempo, silêncio que é “atemporal”. Se houver êsse silêncio, vereis que haverá uma transformação radical do centro.

Se houverdes escutado corretamente, vereis que a semente da transformação lançou raízes. Se estais, porém, tão-sòmente a resistir, no plano verbal, só tereis então essa resistência, e não a verdade. Em geral, infelizmente, ficam-nos apenas as cinzas da resistência, em lugar da Realidade. Não nos educam, de pequeninos, para escutar, investigar, compreender; nunca nos põem na presença dos problemas; só se nos dão respostas — o que **deveria ser**, o exemplo, o herói, o santo que devemos imitar, copiar. Assim, jamais nos mostram as implicâncias do problema — e isto, êste mostrar, é a verdadeira educação. Como não

fomos educados para conhecer as sutilezas dos problemas, para a compreensão dos problemas, vemo-nos confusos quando nos chocamos com um problema, e logo queremos encontrar uma solução. Não há respostas para a vida. A vida é uma “coisa viva”, de momento a momento, e o homem que busca uma resposta para a vida, está buscando a estagnação da mediocridade. A questão, por conseguinte, não é de se achar solução, mas de se compreender o problema; o problema — e não a solução — é que contém a Verdade.

PERGUNTA: O “percebimento” de que costumais falar deve significar o despojar-nos completamente das muitas facêtas da nossa personalidade. Na Índia, esta busca de autoconhecimento conduziu, inevitavelmente, à destruição da personalidade, solapando continuamente toda iniciativa e entusiasmo — as forças propulsoras da personalidade. É por isso que se observa, na Índia, essa recusa a lutar contra os males sociais. O vosso ensino, por conseguinte, não contribuirá apenas para aumentar essa letargia do espírito?

KRISHNAMURTI: Sois indivíduos dotados de personalidade? A compreensão e o despertar do percebimento, com tudo o que isso implica, vos despojará daquela personalidade? Sois um indivíduo, ou sois uma massa de “condições”? Se sois hinduísta, cristão, budista, comunista, sois um indivíduo? E sois um indivíduo porque possuí alguns bens, um nome, umas poucas qualidades e tendências?

Senhor, que é “individualidade”? Ela deve ser algo completamente **único** (singular). Mas, nós não somos assim. Quando vos dizeis hinduísta, muçulmano, comunista, estais tão-somente a repetir e isso é puramente iradi-

ção. Estais condicionado pela vossa sociedade, pela vossa civilização; conforme êsse condicionamento, **experimentais**, e a experiência é memória, é conhecimento. O conhecimento não constitui a individualidade, visto ser apenas, a reação da “condição”. Quando vos tornardes cômico dêsse processo total de condicionamento, dêsse processo de experimentar e acumular conhecimentos, cômico de que êle não constitui a individualidade, mas é a destruição da existência criadora, quando estiverdes cômico de tudo isso, não sereis mais cristão, não sereis mais budista, hinduísta, comunista; estareis num estado de revolta total. Mas, enquanto estiverdes aceitando, enquanto vossa mente estiver condicionada como hinduísta, católica, comunista, não sois um indivíduo, mas, apenas, um dente de máquina.

Observai a vossa própria mente e as suas operações. Sois um indivíduo, no sentido de que sois capaz de criar um estado mental inédito, onde se encontre a liberdade, a liberdade de **ser**? Como podeis ter individualidade, personalidade, se, no mundo inteiro, a cultura e a religião se baseiam na imitação, no copiar? Quando estais em perseguição do ideal, quando sois gandhistas, ou outros **istas**, como podeis ser **indivíduos**? Estais cômico do processo total do temor, que vos faz imitar, que vos faz seguir, que vos faz aceitar a autoridade de um ideal, de um mentor, um Salvador, um sacerdote? É êsse temor que vos faz consentir, aquiescer, imitar; é êsse temor que destrói a mente verdadeira e criadora. É êsse temor que busca resultados garantidos, um “estado de ser” sem medo. Por êsse motivo, êle “projeta”, e vós seguis a “projeção”, chamando-a “Salvador”, “guia”, “ideal”. O medo, por conseguinte, vos está compelindo a conformar-vos, e enquanto houver êsse temor nunca tereis a possibilidade de ser um indivíduo, jamais tereis a mente criadora.

É importantíssimo compreender o temor, principalmente num país superpovoado e todo mergulhado na tradição — moderna, ou científica, ou antiga. Enquanto há temor, não pode haver criação; e só a mente criadora é real, *única*. O percebimento em que não se faz escolha não destrói aquela realidade criadora.

Desde a infância, a vossa mente é condicionada, desde a infância educada no temor, subjugada, coagida, impelida, compelida, sendo-lhe inculcados valores vários. Como pode ser livre essa mente? Tudo o que ela conhece é só temor. Por isso, ela luta sem cessar, para fazer o que é bom e evitar o que é mau. E justamente o “fazer o que é bom” constitui o meio de vencer o temor; não é ação livre de temor, mas subjugação do temor; o temor, por conseguinte, continua a existir. Como pode ser criadora e feliz essa mente?

A mente livre do temor é a mente criadora, e essa mente, graças ao percebimento, graças ao autoconhecimento, não pode perder a Realidade. A mente só pode ser livre em virtude do autoconhecimento — não o autoconhecimento do especialista, o autoconhecimento de Ramanuja, ou Buda, ou Cristo; um tal autoconhecimento não é autoconhecimento. Conhecer a si mesmo de acôrdo com alguém, Marx, Buda, ou quem quer que seja — não é autoconhecimento. Fisicamente, só podeis conhecer a vós mesmo se de vós estais consciente, consciente das vossas ações, pensamentos, sentimentos, palavras. Entretanto, não podeis estar cômico do processo total, não podeis ver a plenitude dêsse percebimento, se comparais, se escolheis, se dizeis “isto é bom”, “aquilo é mau”. Assim, pois, o autoconhecimento através do percebimento não destrói nem solapa a iniciativa: Vós já não tendes iniciativa. Estais, unicamente, seguindo alguma personalidade poderosa, alguém que, segundo pensais, é um verdadeiro líder.

Enquanto estiverdes a seguir alguém, uma autoridade, um livro, não sois criador. Seguis por causa do temor, e a compreensão do temor é o comêço da ação criadora.

É muito difícil compreender o temor. Não falo do cultivo do oposto. A mente que está cultivando o oposto, está ainda aprisionada no temor. O percebimento de que vos tenho falado é um estado em que não se faz escolha e em que se pode ver as coisas exatamente como são, e não como desejais que sejam; em que podeis conhecer o que sois verdadeiramente, sem fazerdes escolha alguma. Esse percebimento é inteligência. O homem que está constantemente a escolher, não é um homem inteligente. Um homem só é verdadeiramente inteligente quando não faz escolha alguma; porque a escolha é sempre produtiva do seu "fundo", (condicionamento, background), e a mente livre não é uma mente feita de escolha. Existirá a escolha enquanto existir o temor, existirá escolha enquanto seguirdes uma autoridade, de qualquer espécie que seja, em diferentes níveis da vossa consciência. Por conseguinte, o seguir outra pessoa é sempre destrutivo. Quando, porém, vos achais no estado de completo percebimento, sois vós mesmo a luz.

PERGUNTA: *Qual o verdadeiro valor da igualdade. É a igualdade um fato ou uma idéia?*

KRISHNAMURTI: Para o idealista, é uma idéia; para o homem que observa, um fato. Existe a desigualdade: vós sois muito mais inteligente do que eu; tendes capacidades maiores; amais, e eu não amo; pintais, criais, pensais, e eu sou um simples imitador; tendes riquezas, e eu sou pobre, no meu ser. A desigualdade existe, é um fato, quer vos agrade, quer não. Há também a desigualdade de função; mas, infelizmente, nós transportamos a desigual-

dade de função ao nível da desigualdade de **estado**. Não tratamos a função como função, mas nos servimos dela para conquistar poder, posição, prestígio — o que vem a ser **estado** — e estamos sempre mais interessados no **estado** do que na função. Por isso, continuamos a ter a desigualdade.

Existe não só a desigualdade psicológica, mas também a evidente desigualdade exterior. Tudo isso são fatos. Não há quantidade de leis que possa apagar a desigualdade. Entretanto, se se compreender que, psicologicamente, é necessário estar cada um completamente livre de todo e qualquer conceito autoritário (tôda e qualquer filosofia autoritária), terá então a desigualdade, parece-me, um significado todo diferente. Se fôr o indivíduo capaz de apagar completamente a desigualdade psicológica que em si mesmo criou através de sua condição pessoal, sua capacidade, suas idéias, desejos, ambições; se houver a completa eliminação dessa luta psicológica para se ser alguma coisa, haverá então a possibilidade de se conhecer o amor. Mas, enquanto estou lutando, enquanto, psicologicamente, estou usando a função como meio de me tornar **alguém**, enquanto houver um “vir a ser” do “eu”, existirá sempre a desigualdade do espírito. Conseqüentemente, existirá sempre uma diferença entre mim e o “Salvador”, existirá sempre um hiato entre “o que sabe” e “o que não sabe”; e existirá também a luta para alcançar aquêlê estado. Nessas condições, enquanto, não houver liberdade, o “vir a ser” será sempre um meio de fortalecer a desigualdade existente e que é tão destrutiva.

Senhor, como pode um homem ambicioso conhecer a igualdade ou o amor? Todos somos ambiciosos e pensamos ser muito honroso êste estado. Desde pequeninos educam-nos para sermos ambiciosos, têrmos sucesso, tornarmos **alguém**; por consequência, interiormente, desejamos a desigualdade. Vêde a maneira como tratamos as pessoas,

como respeitamos a uns e desprezamos a outros. Se fizerdes um exame interior de vós mesmo, vereis que êsse senso de desigualdade cria o Mestre, o guru, de quem vos tornais discípulo, seguidor, imitador, o que “quer vir a ser”. Interiormente criais a desigualdade e a dependência de outro; por essa razão, não há liberdade. Há sempre a divisão entre o homem e o homem, porque cada qual só quer sucesso, só quer ser **alguém**.

Só quando, interiormente, sois “como o nada”, por serdes um ente livre, encontra-se a possibilidade de não se fazer uso da desigualdade para engrandecimento próprio, para implantar a ordem e a paz. Mas “ser como nada” não é uma simples frase; temos de sê-lo completamente, interiormente; e isso só é possível quando a mente não está entregue ao “vir a ser”.

PERGUNTA: *Como encontrastes Deus?*

KRISHNAMURTI: Como sabeis, senhor, que eu encontrei Deus? Não riais, senhores. Esta pergunta é séria.

Senhor, Deus pode ser conhecido? Deus pode ser achado? Prestai atenção, por favor. Deus é uma coisa que anda perdida e que temos de achar? Pode-se reconhecer aquela Realidade, aquele Deus? Se podeis reconhecê-la, então já tendes conhecimento dela; e se já tendes conhecimento dela, não é coisa nova. Se sois capaz de conhecer (**experience**) Deus, a Verdade, essa experiência é gerada pelo passado, e por conseguinte já não é a verdade e, sim, meramente, uma “projeção” da memória. A mente é produto do passado, do conhecimento, da experiência, do tempo; a mente pode criar Deus; ela pode dizer: “sei que isto é Deus”, “sei que tive a experiência de Deus”, “sei que há Deus, a voz de Deus me fala”. Mas isso é só memória, — a antiga reação do vosso condicionamento.

A mente pode inventar Deus e pode experimentar Deus. A mente que é resultado do conhecido pode “projetar-se” e criar tôda a sorte de imagens e visões; tudo isso, porém, se acha na esfera do conhecido. Deus não pode ser conhecido. Ele é totalmente desconhecido. Não pode ser experimentado. Se O experimentardes, já não é Deus, a Verdade. Só quando não há “experimentador” e não há “experiência”, só então pode a Realidade aparecer. É só quando a mente se acha no “estado do desconhecido” que pode surgir o desconhecido. Só depois de se apagar tôda experiência, todo conhecimento, está a mente verdadeiramente tranqüila, silenciosa, e nessa tranqüilidade, que é imensurável, nessa tranqüilidade, nasce Aquilo que não tem nome.

14 de fevereiro de 1954

EM nossas três últimas reuniões, estivemos falando sôbre a importância de uma revolução religiosa. Por religião, não entendo dogmas, nem crenças, nem ritos. Não consiste, tampouco, a religião na substituição de uma crença por outra; ela é, sim, uma revolução total do nosso pensar e essa revolução, com efeito, é a nossa libertação do conhecido. Desejo, se possível, examinar nesta tarde esta questão, porquanto a mim me parece que toda atividade proveniente do “conhecido” não é, absolutamente, modificação, transformação fundamental. É, tão só, uma “continuidade modificada” do que já é conhecido. A maioria das revoluções políticas, econômicas, sociais ou mesmo as chamadas “revoluções científicas”, são sempre a continuidade do conhecido.

Desejo, se possível, estar em comunhão convosco. Emprego propositadamente a palavra “comunhão”, porquanto acho que não estamos aqui para uma simples troca de idéias, nem temos o desejo de persuadir alguém sôbre um determinado ponto de vista ou de estabelecer um programa de ação. “Estar em comunhão” é uma coisa de todo diferente, porque todas as partes devem estar interessadas no assunto, ao mesmo tempo e no mesmo nível. É impossível a comunhão se, quando nos falamos, vós estais interessados numa coisa e eu, noutra; não há então comunhão; só é possível a comunhão quando todos nós, vós e eu juntos, estamos — ao mesmo tempo e no mesmo nível — in-

interessados não apenas em ouvir a expressão verbal, mas também em comungar uns com os outros num nível mais profundo da consciência, a respeito de coisas que não podem ser expressas em meras palavras. Isso requer muita compreensão e muita penetração. Não há possibilidade de comunhão quando se está obstruindo a inteira significação das palavras com uma série de "cortinas de proteção", objeções, ideais ou preconceitos.

Só há comunhão quando amamos, juntos, ao mesmo tempo e no mesmo nível; mas êsse amor não é possível se permanecemos no nível da expressão verbal ou no nível argumentativo. Temos de usar de palavras para nos comunicarmos. Acho que é possível, se temos verdadeiro interesse, se amamos a coisa sôbre que falamos, acho que é possível ultrapassarmos a expressão verbal e comungarmos a respeito de coisas de vital importância. Essa comunhão, então, não é nem vossa nem minha; ela é compreensão ou percebimento daquilo que é real, verdadeiro, que não é pessoal, coletivo, nacional, Ocidental ou Oriental.

Creio muito importante saber "comungar", principalmente em questões de tanta monta e significação. Não há comunhão se não amamos a coisa sôbre que falamos, se não dedicamos tôda a nossa mente e coração à coisa que estamos investigando. Êsse amor não exige nenhum esforço de atenção; o que êle requer é aquêlê "estado de amor" espontâneo e livre, aquela atenção que damos a uma coisa em que nos deixamos absorver. Tratamos neste momento, de um problema que acho de alta significação; a comunhão, pois, é essencial. Mas não é possível a comunhão se cada um de nós está obstruindo a comunicação com uma série de objeções, aceitaçãoes, recusas ou resistências.

Desejo igualmente examinar a questão relativa à nossa libertação do "conhecido", porquanto religião não é a

“continuação do conhecido”. O conhecido é a crença, a disciplina, o exercício, uma determinada forma de meditação inventada por outro como meio de se alcançar um certo estado, ou o método que inventamos para nosso uso, ou o método de uma determinada filosofia, com a experiência que essa filosofia proporciona e continuação dessa filosofia como memória. A continuação da memória é “o conhecido”; e só quando estamos livres da continuidade do conhecido, pode haver comunhão. Parece-me que, para a maioria de nós, a religião sempre foi o “hábito do conhecido” — sendo o conhecido a crença, o dogma, a esperança, o preenchimento de uma experiência da mente educada ou na religião ou num estado de negação de tudo. O crente e o não crente são ambos “continuação da memória”, condicionada pelo “conhecido”. Para a maioria de nós, a dificuldade está na libertação do conhecido. A continuidade de uma **experiência**, de uma idéia, de uma crença, produz a mediocridade; faz a mente viver num estado de certeza. Quando a mente se acha certa, no conhecimento, na experiência, na crença; quando se sente em segurança; quando busca refúgio numa experiência, dogma ou crença — a mente é, então, medíocre, limitada. Porque, em virtude do desejo de estar segura, de estar certa, ela está apegada a toda forma de certeza, que ela mesma inventa; e, em tais condições, a mente só pode funcionar e viver e mover-se dentro da esfera do conhecido; dêse modo, a mente e o coração permanecem medíocres, limitados, mesquinhos. Nossa mente está condicionada pelas nossas crenças, nossas experiências, nosso conhecimento. Com essa mente queremos achar o que é Real, o que é Deus, encontrar algo que esteja além e acima da invenção e da ilusão humanas.

Enquanto existir a continuidade do “conhecido”, existirá também a mente medíocre, e nunca a mente livre. É importantíssimo compreender isso, não apenas verbal ou

intelectualmente, porquanto não existe essa coisa de “compreensão intelectual”. Mas aquela compreensão requer profunda penetração das operações da nossa própria mente, visto que toda a estrutura do nosso pensar está baseada no “conhecido”: “Tive uma experiência ontem e esta experiência me está moldando, moldando-me o pensamento, minha conduta, minha visão das coisas”. A experiência pode não ser de ontem, mas de milênios; chamamo-la então “conhecimento”. O conhecimento, pois, é um fator de confusão, na busca da Realidade. Para a maioria de nós há confusão; estamos confusos, não pelo que não sabemos, mas pelo conhecimento das coisas que sabemos; é o saber que cria a confusão. Não é bastante evidente que os mais de nós estamos confusos? Apesar de tudo o que afirmam, a maioria dos líderes políticos, dos guias religiosos, não estão confusos? Tanto o guia como o seguidor estão confusos. Essa confusão se deve à escolha, porquanto nosso conhecimento é memória, a qual nos molda a vida e a ação. Entretanto, não queremos admitir que estamos confusos.

A vida é uma “coisa viva”, em movimento constante; nós reagimos de acordo com a memória, e somos incapazes de ajustamento às exigências imediatas da vida. Por esta razão, nos aproximamos da Realidade, que é uma coisa viva, um processo complexo, com a mente já pejada de conhecimentos, de experiências, de idéias. Não é livre a mente que sempre vai ao encontro da vida com sua memória. Porque, afinal de contas, o “eu”, o “ego” é a acumulação de várias experiências, conhecimentos, memória; o “eu” é todo **fundo** (background), o “eu” é feito de tempo; o “eu”, o “ego” é o resultado de várias formas de conhecimento acumulado, informações acumuladas; é esse feixe que chamamos “eu”. O “eu” são as numerosas camadas da nossa memória; ainda que não esteja cômico dessas numerosas camadas, o “eu” é sempre parte do “co-

nhecido". Assim sendo, quando estou **buscando**, busco tão somente o que já conheço. O que eu conheço é a "projeção" do meu passado, e a nossa libertação do "conhecido" é que é a revolução verdadeira. A revolução não pode ser promovida por nenhuma disciplina.

Não posso ser livre por meio de nenhuma disciplina ou exercício, visto ser eu um feixe de memória, de experiências, de conhecimento; e se pratico uma disciplina, para libertar a minha mente do "eu", isso é apenas uma outra maneira de continuar a memória. E não há, assim, possibilidade de nos libertarmos do "eu", do "conhecido", estejamos ou não, conscientes disso. Aquela liberdade só pode **acontecer** quando existe compreensão do processo total do "eu" — mas não para dirigir êsse "processo"; porque no "eu", quando dirige, existe o "diretor" e "a coisa dirigida", sendo, ambos, uma e a mesma coisa. Não há "observador" diferente da "coisa observada"; só existe uma entidade única: "experimentador — coisa experimentada". Enquanto houver "o experimentador", que é o "eu", a **experimentar** aquilo que êle deseja, continuamos na esfera do tempo. A dificuldade, por conseguinte, está em que a nossa mente está sempre em movimento do "conhecido" para o "conhecido". Como deter êsse movimento?

A criação é a ação do desconhecido e não do conhecido. "O desconhecido" é a Verdade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo. A atividade daquele estado, daquela Realidade, é criadora; é a ação livre da memória. Eis porque eu acho de extraordinária e imensa importância, não que descubramos **como** libertar a mente do "conhecido", mas que nos achemos naquele estado em que a mente está livre do conhecido. O estado de liberdade do conhecido é a verdadeira revolução religiosa.

Nossa mente já está muito acostumada a que se lhe diga o que deve fazer. Os livros religiosos, os mentores,

os santos, os guias políticos e de tôdas as outras espécies nos estão sempre dizendo o que devemos fazer — **como** sermos livres, **como** podemos ser guiados para ser livres, o que devemos fazer, como devemos disciplinar-nos, praticar virtudes, etc., etc.. Ora, se examinardes isso com muita atenção, vereis que nada mais é do que o **hábito** contínuo do conhecido; nêle, nunca há criação, sendo meramente a continuidade do “eu” sob forma diferente. É só isso que sabemos, é só êste o nosso conhecimento. O movimento dêsse estado para um estado em que haja liberdade, fora do conhecido, êsse movimento não pode ser operado por nenhum exercício ou disciplina ou processo de pensamento. Parece-me ser esta a coisa real que se precisa compreender. Se ela for realmente compreendida, lá estará aquela coisa extraordinária — a revolução. Mas, enquanto estivermos pensando só com o sentido em “chegar lá”, com o sentido nos métodos ou práticas que nos ajudarão a “chegar lá”, só teremos a continuidade do conhecido, que está no tempo.

Quando realmente aprendemos, compreendemos o processo dêsse movimento da mente, partido do conhecido, e compreendemos que qualquer movimento que parte do conhecido não pode participar do “estado do desconhecido”; se realmente compreendemos, se sentimos, se comungamos com a verdade de que todo movimento partido do conhecido nunca nos conduzirá ao desconhecido, aí, então, estará presente o “desconhecido”. Nossa mente, porém, recusa-se a ver êsse fato, porque já está muito acostumada a ser instruída sôbre tantas formas de Ioga, sôbre o seguimento de certas ideologias, observância de sacrifícios, formação de virtudes, desenvolvimento do caráter, etc., etc..

Conheceis todos os movimentos do conhecido. Mas se pudermos apreender realmente a significação dêsse movi-

mento do conhecido e ver a sua verdade, aí, então, o outro “estado de ser”, o “estado do desconhecido” vem à existência. Eis porque é muito importante compreender o “processo” da mente (o que, afinal, é autoconhecimento) conhecer, ver como num espelho a imagem do pensamento, da atividade da mente, ter conhecimento dela sem condená-la e sem lhe dar nome. Nesse percebimento em que não há escolha, vereis que “a outra coisa” surge na existência. Entretanto, a mente que está à procura do “desconhecido”, tentando experimentar o “desconhecido”, jamais o conseguirá. Quando a mente se torna, ela própria, o desconhecido, só então há criação e se manifesta o Atemporal.

Senhor, que fim tem uma pergunta? É seu fim achar uma solução para o problema, ou **compreender** o problema? Eu tenho um problema, vós tendes outro; queremos compreender o problema ou buscamos uma resposta, através do problema? Queremos uma solução, ou queremos compreender todos os meandros, tôdas as complexidades do problema?

A maioria de nós sofre; há a dor e a ansiedade; e os mais de nós temos muito interêsse em saber como nos livrarmos dela, como eliminar a dor, a perturbação. Nessas condições, estamos sempre à procura de meios e modos de vencê-la, expulsá-la. O sofrimento interior, psicológico, do “eu”, está sempre forcejando por encontrar uma resposta, uma saída. Mas, se se puder compreender o “fabricante” do problema, o “eu”, que está sempre **seguindo**, sempre frustrado, sempre a sentir-se sozinho, ansioso, temeroso — então, na própria compreensão do problema e do “fabricante” do problema, apresenta-se a solução. Mas, para a compreensão do problema requer-se uma mente que não esteja em busca de resultado, de resposta. Se observardes a vossa própria mente, vereis o que está sucedendo. Se tendes um problema, desejais que alguém vos diga

o que deveis fazer; vosso principal interêsse, portanto, está na solução e não na compreensão do problema.

Na resposta a esta pergunta, o que nos interessa é o problema, e não a solução. Se sairdes daqui desapontado, porque vossa pergunta ficou sem resposta, a culpa será vossa, porquanto para a vida não há resposta. A vida não tem resposta. A vida só tem uma única coisa, um único problema, que é — viver. O homem que vive totalmente, completamente, cada minuto, sem fazer escolha, sem aceitar e sem rejeitar a coisa que é, êsse homem não está buscando nenhuma resposta, não está perguntando qual é a finalidade da vida, não procura uma saída para a vida. Isso, porém, requer profunda penetração de si mesmo. Procurar, sem o autoconhecimento, uma resposta, não tem significação alguma, porque a resposta será então aquilo que achamos mais satisfatório e compensador. É isso o que em geral queremos; queremos estar satisfeitos, encontrar um refúgio seguro, um Céu, onde não haja perturbação alguma. Mas, enquanto andarmos buscando, a vida será sempre perturbada.

PERGUNTA: *A Verdade, para vós, parece não ter morada. Mas a Verdade é um Absoluto. Fazendo-a uma questão de percebimento, no momento, não a estais reduzindo e limitando, com o que ela perde a sua natureza absoluta?*

KRISHNAMURTI: Como sabemos que ela é absoluta, final, atemporal? Isto é uma conjectura, uma explicação; ou lêstes algo a êsse respeito, em algum livro? A Verdade é coisa do tempo? É coisa do conhecido, “projeção” do conhecido? Nossa dificuldade — não é exato? — é que queremos alguma coisa que seja permanente. Vendo que a vida é transitória, queremos algo que seja fixo,

permanente, absoluto, imutável. Porque tudo o que nos rodeia é transitório, “projetamos” o absoluto, o imutável, o permanente. Quando se nos dá a garantia dessa permanência, dêsse absoluto, sentimo-nos seguros, porque desejamos êsse Absoluto, essa permanência.

Existe alguma coisa permanente? A mente pode inventar o permanente, a idéia de permanência, e abrigar-se nessa permanência; mas é ela, entretanto, uma invenção da mente, uma “projeção” da mente, uma coisa que vem do passado, do seu próprio conhecimento, da certeza, do seu medo à impermanência.

A verdade é uma coisa que pode ser lembrada, que pode ser reconhecida? Se posso reconhecer a Verdade, ela já é “o conhecido”. O reconhecimento implica ação do “conhecido”, não é assim? Pode a mente, que é produto do tempo, produto do passado, o **centro** da memória, pode a mente conhecer a Verdade? Ou a Verdade vem à existência quando se está livre do processo do “conhecido”, quando há a cessação do processo do reconhecimento? Tem-se, então, a Verdade que pode existir momento por momento, sem atributo, sem o tempo. Mas a mente, depois de experimentar a Verdade por um segundo, lembra-se da experiência, e diz: “Quero tê-la de novo”. O desejo de tê-la de novo é a “projeção”, a continuidade da memória, que impede a subsequente experiência da Verdade. Senhores, o que é real não pode ser acumulado e conservado. A mente tem de estar livre de todo espírito de aquisição. A mente, porém, que é o único instrumento que possuímos, está sempre a acumular e juntar impressões. Com essa mente criamos o “conhecido”, “projetamos”, no futuro, as coisas que desejamos.

Para a Verdade não há caminho, não há disciplina; todos os sacrifícios da mente são vão — os ritos, os exercícios. O que tem de haver é liberdade — não no fim, mas

precisamente no começo — liberdade para investigar, buscar, descobrir tudo o que diz respeito à Verdade. Pela disciplina não se pode ficar livre do medo. Nosso problema, por conseguinte, não é o de saber se a Verdade é absoluta, mas como sermos livres do “processo aquisitivo” da mente, livres da acumulação. Um homem possuidor de muitas experiências, muito saber, nunca é livre, porque o seu saber, a sua experiência impede aquela liberdade necessária ao descobrimento. Se se compreender isso realmente, então todos os livros, sagrados ou não, perderão toda a significação, não serão mais refúgios, já não terão utilidade alguma para vós, como caminhos da Realidade. Todos êles são obstáculos, quando se tornam instrumentos de saber, quando representam um abrigo, quando constituem uma parte do processo aquisitivo. Vêde quanto é difícil para uma mente que tem uma experiência que ela chama “rica”, ficar livre dessa experiência; porque a mente está então sempre a desejar mais e mais; e êsse desejo de **mais** — com que a mente está toda ocupada — impede a experiência imediata do Real.

A questão, por conseguinte, é, realmente, esta: Poderá a mente, em algum tempo, ficar livre da experiência de ontem ou da experiência imediata, abandonando sua memória aquisitiva? — Tal é a verdade. A mente nunca é livre enquanto permanece aquisitiva — livre não só do impulso aquisitivo relativo a coisas, mas também das atividades aquisitivas da mente que exige **mais**, que pede mais experiência, que se recorda de uma experiência que já teve, uma experiência a que chama “rica”. Essa mente está num constante movimento de experiência e, conseqüentemente, acumulando; essa mente jamais pode experimentar o “desconhecido” ou achar-se no “estado do desconhecido” — que, evidentemente, é uma coisa de cada momento, uma coisa que não está no tempo mas em cada momento, uma coisa em que não há ação para se passar

de uma experiência, um estado, para outro estado; cada estado é um novo comêço desconhecido e tal estado não pode ser compreendido, enquanto houver um “experimentador” experimentando e acumulando.

PERGUNTA: *Sou um homem de negócios. Tenho-vos ouvido e acho que devo fazer alguma coisa em benefício dos meus empregados. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Senhor, êste é o “nosso mundo”, não é verdade? É a **nossa** Terra, e não a Terra do homem de negócios ou a Terra do pobre. É a nossa Terra. Não é um mundo comunista, nem o mundo capitalista, mas um mundo nosso, para nêle vivermos, folgarmos e sermos felizes. Esta é a primeira necessidade: ter êsse sentimento — que não é uma atitude mental, mas uma realidade em que há o amor, o sentimento de “nosso”. Sem êsse sentimento, a mera legislação, ou as Associações de Classe (Sindicatos), ou o trabalho para o Estado — que é outra espécie de patrão — tudo isso pouco significa; somos então meros empregados do Estado ou do negociante. Mas quando existe o sentimento de que esta é a **nossa** Terra, não haverá então empregador e empregado, não haverá o sentimento de que um é “o patrão” e outro “o empregado”. Mas nós não temos êsse sentimento de “nosso”; cada um só cuida de si; cada nação, cada grupo, cada partido, cada religião só cuida de si. Somos entes humanos, a viver sôbre esta Terra; esta é nossa Terra, que devemos amar, criadoramente, de que devemos cuidar com carinho. Sem termos êsse sentimento, queremos criar um mundo novo. E, assim, têm-se feito experiências de toda ordem — participação nos lucros, trabalho compulsório, Associações de Classe, legislação, compulsão, enfim toda sorte de coerção e de persuasão.

A mim me parece que a coisa primária é que se tenha o sentimento de que todos somos entes humanos, e não homens de negócios ou empregados. Eis porque é importante tenhamos uma revolução religiosa, e não apenas uma revolução econômica. A revolução deve começar no centro e não na periferia. Direis ser isso impossível, uma Utopia, que tal coisa nunca pode ser posta em prática, etc. Mas, senhor, esta é a coisa mais exequível do mundo. Vós a declarais impraticável, insensata, descabida, porque a apreciáis de um ponto de vista particular, em que não estais interessado no desenvolvimento total do homem. O homem de negócios pergunta: "Que posso fazer?". Se ele tiver aquêlê sentimento, poderá fazer centenas de coisas; poderá fazer ricos os pobres, dando-lhes participação nos ganhos, dando aos empregados participação no negócio, tornando o seu negócio uma sociedade cooperativa. Há tantos meios! Se não temos, porém, aquele sentimento extraordinário de que somos uma só humanidade, de que esta Terra é nossa, a mera legislação e compulsão, ou a persuasão, só poderá levar à destruição e à miséria em escala maior ainda.

PERGUNTA: *Ajudai-me a compreender êsse terrível mêdo à morte, que persegue todo homem e tôda mulher.*

KRISHNAMURTI: Pode alguém livrar-se do mêdo mediante algum raciocínio, conclusão lógica, asserção de crenças, de qualquer natureza que sejam? Ainda que vos digam que após a morte ireis viver a próxima vida, ficareis livre do mêdo? Isso poderá acalmar-vos, tranquilizar-vos, temporariamente; mas aquêlê sentimento de desconhecimento, de incerteza, perdurará. Podemos libertar-nos do mêdo pela crença, pela razão? Sabeis que morrereis — é a sorte de todos nós. Lògicamente, sabeis que tôdas as

coisas se acabam; e há uma peculiar continuidade, porque continuais no vosso filho, na vossa filha, no vosso vizinho; e sois a continuidade de vosso pai ou de vossa mãe. Embora saibais logicamente que existe a morte, estais livre do temor?

Lógicamente, intelectualmente, intimamente, podeis estar livre do medo? O medo só existe em relação, não é verdade? Tendes medo à morte, sendo a morte “o desconhecido”; tendes medo de que vossa mente deixe de existir. Embora saibais que ides morrer e embora acrediteis que ressuscitareis ou renascereis, ficareis livre do medo? Como se pode, então, ficar livre do temor? Há alguma maneira de se ficar livre do medo? Se eu vos disser como se pode ficar livre, ficareis livre? Podeis observar certas práticas, podeis dizer: “Sei que tudo se acaba, e o fim pode ser um novo começo; e no findar pode haver uma nova criação; ou quando eu findar surgirá o desconhecido”. Podeis persuadir-vos, podeis raciocinar, mas o medo se acabará?

O medo, por conseguinte, não é algo que possa ser eliminado pela mente, porque a própria mente é o medo. A mente é que cria o medo, a idéia da cessação, a idéia de chegar ao fim. Ela é que diz: “Tenho vivido tanto, eu não deveria findar, preciso ter mais experiência, ainda não me preenchi”. A mente é que pergunta: “Que me acontecerá amanhã?” O amanhã é criação sua. O amanhã e o findar que ocorrerá amanhã, são idéias que constituem o processo mental. O medo, por conseguinte, é criado pela mente, e a mente não pode vencer o medo, não importa o que façamos. Se perceberdes a verdade a êsse respeito — isto é, que a mente cria o medo — cessará então o “processo de pensar” que está prêso ao amanhã.

Senhor, enquanto a mente estiver operando com existência no tempo ou com o conhecimento do findar no

tempo, tem de haver temor. O medo é o “processo” da mente, e a mente não pode libertar-se do seu próprio “processo”. O que ela pode fazer é só estar cônica do “processo” em que existe o temor, sem tentar dominá-lo ou fazer alguma coisa com relação a êle; observar o temor, sem agir — porque o agir é ainda criar temor. Assim sendo, é só quando a mente não cria o amanhã — o que significa o morrer de hoje, o findar do processo do pensamento, agora — só então, não existe mais temor. Quando percebe esta verdade, a mente está então, ela própria, num “estado do desconhecido”, e não há mais a acumulação de todos os dias passados. É só quando morremos de dia para dia, para tôdas as coisas que acumulamos, que vem aquela coisa, que é o fim do temor.

17 de fevereiro de 1954

SE pudéssemos encontrar, por nós mesmos, uma fonte sperene de felicidade, de bem-aventurança, estariam resolvidos, parece-me, a maioria dos nossos problemas. Andamos incessantemente em busca dessa fonte, em tôdas as nossas relações, em tudo o que fazemos, com motivo e, às vêzes, sem motivo algum. As coisas que acumulamos como conhecimento e as coisas do coração e da mente, constituem um seguro indício de que ansiamos por encontrar aquela fonte inesgotável, de cujas águas possamos viver e ser felizes e criar. Mas, essa fonte parece esconder-se de nós. Estamos sempre a perseguir um fantasma e nunca temos a coisa real. A meu ver, se refletirmos devidamente sôbre o que estivemos apreciando nas últimas reuniões — ou seja o problema da revolução religiosa — e soubermos promover essa revolução, ela poderá levar-nos àquela fonte e fazer surgir em nossa vida aquela bem-aventurança.

A revolução total depende de um “processo”, uma progressão? Depende de algum método? A revolução total não se opera através de nenhum processo, através de ajustamentos graduais, renúncias, resistência, disciplina. A revolução total está no momento. Qualquer outra espécie de revolução ou mudança, assim me parece, é “processo” de ajustamento a determinado padrão, a um ideal, a uma Utopia, ou o que quiserdes; é um processo gradativo; e tal processo, tal método de acesso gradual — o cha-

mado método evolutivo — não o considero religioso; será científico, mas, fundamentalmente, não é, de modo nenhum, religioso. Afigura-se-me muito importante compreendermos êsse estado religioso para **nos acharmos** nêle e não para **chegarmos** a êle. E essa compreensão é impossível, acho eu, se pensamos em termos referentes ao tempo, tais como: “alcançar, chegar, praticar certo método, seguir determinado caminho”, para termos a revelação daquela extraordinária ação criadora do atemporal. O necessário é morrer todos os dias para tôdas as coisas que sabemos, tôdas as coisas que experimentamos, tudo o que aprendemos. O importante é o morrer todos os dias, mas não **como** morrer.

Antes de irmos por diante, importa sobremodo averiguar-se a maneira como escutamos. Se uma pessoa é intelectual, se leu muitos livros, se adquiriu muita erudição e tem o intelecto e a mente completamente cheios, essa pessoa é capaz de escutar? Os seus conhecimentos, justamente, não colidem com as coisas que ouve dizer, impedindo-lhe o descobrimento da verdade? Pode o seu intelecto ser muito penetrante e capaz de exame racional progressivo; mas, pode essa mente, a mente dita intelectual, alcançar aquêlê estado? Aquêlê estado, por certo, só pode existir depois de cessar a atividade da mente. Não vos parece importante, por conseguinte, que essa mente intelectual abandone, se possível, tôdas as coisas que aprendeu, que estudou, que leu? Estou bem certo de que, de outro modo, a mente intelectual nunca encontrará aquilo que é real. A mente intelectual é muito susceptível de ilusões; pelo processo da análise, ela exclui e elimina, e, tendo mêdo à incerteza, apegase a uma dada crença — como procede a maioria dos intelectuais.

Não é importante que aquêles de nós que não somos muito intelectuais, saibamos escutar? O indivíduo comum,

que luta, que se sente infeliz, tem o sentimento de estar perdido; não sabe onde encontrar conforto, onde achar a compreensão, não sabe em quem confiar; porque todos os políticos e os chamados guias religiosos não o conduziram a parte alguma, a sua vida é de confusão e contradição, sempre crescentes. Com sua mentalidade vulgar, medíocre, vive numa luta incessante para ser alguma coisa. Não é muito importante que êle aprenda a escutar corretamente? O homem medíocre, o homem mediano anseia por um método de ação imediata; vendo-se tolhido pelas circunstâncias de uma vida que se tornou rotina, cheia de tédio e de frustração do seu "eu", êle deseja saber o que deve fazer. Não é muito importante, para a mente que está sempre a lutar por um fim, um resultado, um objetivo, algo que lhe sirva de guia, não é muito importante que essa mente saiba **escutar**, já que estamos sempre traduzindo o que ouvimos em termos de ação? — o que não significa que a ação não seja importante. Em meu sentir o homem feliz sabe viver, e viver é a sua ação; o homem infeliz, porém, está perenemente em busca de um padrão de ação.

Sendo os mais de nós tão infelizes, vivendo a lutar e a buscar um pouco de luz ou de felicidade, interessa-nos mais escutar com o fim de encontrarmos algum padrão de ação; estamos todo entregues a esta busca vã, do padrão de ação, e perdendo a arte de escutar — escutar não só o que se está dizendo aqui, mas tudo o que nos cerca: o bramido do mar, os cantos dos pássaros, os gritos das crianças, os livros que lemos. Não escutamos, porque nossa mente está tôda ocupada e nossas ocupações são triviais. Mesmo a mente que se ocupa ou se interessa pela busca de Deus é trivial, porque está ocupada. Só a mente livre, tranqüila e desocupada conhece a felicidade e tem espaço infinito; a essa mente o Eterno se apresenta. A mente cheia de inquietações, preocupada com a salvação

da humanidade, reformas sociais, aquisição de conhecimentos, nunca será capaz de escutar, porque, nela, não existe espaço, não existe um vazio onde possa medrar uma coisa nova, uma semente nova. Parece-me muito importante, tenhais na mente um tal espaço desocupado, tranqüilo, livre de lutas, uma luz a brilhar no meio da escuridão; mas não o podemos ter, quando a nossa mente está tôda ocupada, perseguindo alguma coisa, pedindo, rogando.

E há, também, espíritos não amadurecidos, que escutam como estudantes, i.e., com o fim de aprender, de coligir conhecimentos, para viverem de acôrdo com êles; êsses querem exemplos, símiles, querem que se lhes ensine a maneira de agir e de escutar. Ora, todos êsses espíritos — o estudante, o homem comum, a pessoa dita intelectual — estão ocupados; nêles, não há espaço, nenhum vazio onde se possa descobrir algo de real ou de falso. Por certo, é necessário haver algum espaço na mente, no qual possa germinar uma semente nova — a semente que se não obtém através de lutas, nem de um dado processo, nem pela evolução deliberada do imitador, nem por meio de exercícios. É necessário haver aquêles pequeno espaço, na mente, por mais ocupada que ela esteja com outras coisas, e aquêles pequeno espaço deve permanecer não perturbado, não contaminado: lá poderá brotar a fonte eterna da felicidade. Mas a criação daquele espaço não depende de nenhum ato volitivo. Não se pode dizer: “como irei criá-lo?”. No momento em que se pergunta “como?”, já a mente está ocupada.

Se se percebe a importância, a beleza pura, a necessidade da quietude, haverá então aquêles espaço; aquêles espaço significa o morrer para tôdas as coisas sabidas, tôdas as lembranças, tôdas as experiências, tôdas as acumulações de saber e conhecimento. É um fato óbvio que nós

morremos, que nosso corpo está sofrendo uma constante modificação; tanto tem fim o nobre como o ignóbil. A mente, porém, recusa-se a morrer para as coisas de ontem. Estamos transportando essas coisas de dia para dia, e êsse transportar se efetua por meio da memória, que lhes dá essa continuidade. Esperamos que, dentro dessa continuidade, dêse contínuo aprender, adquirir, modificar, alterar aqui e ali, operar-se-á uma revolução, uma transformação radical. O que é capaz de continuar não é revolução religiosa. Só quando o pensamento termina e não tem mais continuidade, pode haver um morrer, para a mente, e nesse morrer pode ocorrer a transformação radical.

Escutai, simplesmente, o que estou dizendo. Não digais: "Como poderei alcançar as coisas de que estais falando?". Eu não estou falando de coisa alguma; apenas descrevo o estado da mente, dêse mecanismo, dêse organismo perpétuamente barulhento e que nunca é capaz de escutar o silêncio. Nossos pensamentos estão em movimento constante; e o pensamento é a continuidade de ontem, ou seja o processo do tempo, e no processo do tempo jamais haverá a possibilidade de transformação radical; nêle só pode haver mudança, fuga, modificação, nunca, porém, revolução real, religiosa, em que não existe processo algum, mas só **ser**. Por exemplo: um homem que é ávido, por mais que se exercite, se controle e discipline — e isso é o processo do tempo — nunca chegará a uma condição onde possa achar-se o estado de não avidez. A libertação da avidez não é um processo, mas um estado que tem de **acontecer**; e êsse acontecimento só pode verificar-se pelo morrer; porque é só quando se chega a um fim, que algo novo pode surgir.

Recusa-se a mente a findar, porque a mente é resultado do tempo, de séculos de compulsão, conformação,

imitação; ela só conhece luta, julgamento, e os valores baseados naquela luta; e, tentando transformar-se pela luta, diz ela: “tenho de transformar-me; é necessária uma ação de minha parte, que produza a felicidade”. Daí as revoluções econômicas, científicas ou sociais, mas nunca a real revolução religiosa, a única revolução verdadeira. Religião não é adoração de ídolos, observância de ritos, nem cultivo dos ideais da mente. Por certo, religião é coisa muito diferente da repetição do que foi dito pelos antigos instrutores, nos **Vedas** ou nos **Upanishads**; tudo isso tem de acabar, consumir-se, no fogo do silêncio.

A dificuldade consiste em que nunca desejamos estar incertos e temos medo de perder tudo. A mente, pois, vendo-se incerta, busca a certeza, criando assim o temor; do temor nasce a imitação, o estabelecimento da autoridade — política, religiosa, ou a da própria volição — visto que a mente exige um estado de continuidade, onde esteja **certa**. Mas a mente que anda em busca da certeza, nunca tem espaço onde seja possível o aparecimento do Real.

Parece-me, por conseguinte, que vós que estais me escutando não deveríeis mostrar tanto interesse no “como”, porém, antes, em “ser” — ser, ter algum espaço na mente, onde não haja nenhum movimento de pensamento, uma vez que o pensamento é a continuidade de ontem. O pensamento nunca produzirá um mundo novo. O intelecto nunca produzirá um Estado novo. Só quando termina o pensamento, quando estou morto para todos os dias passados, só então existe a possibilidade daquela revolução religiosa, tão necessária para a criação de um mundo novo. Todos os deuses devem desaparecer, para que o Deus real apareça. Temos agora tantos deuses em nossa mente, que se torna impossível o aparecimento do Deus real. Percebei, simplesmente, a verdade ou a fal-

sidade disto, **escutai** o fato, quer êle seja verdadeiro, quer não. Conhecer simplesmente o fato, isto, em si, é libertação. Para se conhecer o fato, faz-se necessário o desaparecimento do ontem; as nossas lembranças, o enriquecimento de nossas experiências, o saber que cada um de nós busca, para estar sempre certo, tudo isso tem de desaparecer; porque tôdas essas coisas são de fabricação da mente.

A mente é resultado do tempo. Vós, como “eu”, como “ego”, sois um produto da mente. O caráter, as tendências, as diversas disciplinas, os diferentes métodos de contrôle e persuasão, tudo isso é resultado do tempo, produto do tempo. A mente é tal como a fêz a natureza, o ambiente, através da cultura, do mêdo, da imitação, da comparação, da chamada educação; essa mente, por mais que progreda e por mais que lute, não pode em tempo algum promover uma ação emanada daquela fonte de felicidade, derivada da revolta para encontrar a Realidade. Com efeito, é necessário percebaís a simplicidade dessa coisa — não a simplicidade exterior, mas a simplicidade daquele estado em que não há esforço para **chegar**, em que não há luta para se ser algo, mas que equivale a ser “como a flor”; a flor é ela própria perfume, beleza — não há esforço, nem luta.

A mente que luta para alcançar a eterna beleza daquele perfume, nunca será capaz de conhecê-la. A mente que luta, jamais pode conhecê-la; todos os seus ritos, tôdas as suas experiências, todos os seus sacrifícios são feitos em vão, porque lá está sempre presente o “eu”, o centro de todo o seu pensar. Para êsse pensar temos de morrer todos os dias. O renascimento em cada dia novo é a revolução religiosa.

Consideremos agora o problema do isolamento. Quando tendes um problema, não vos isolastes? Não estais em

comunhão, porque vossa mente se acha tão preocupada a respeito do problema e da solução, que ficastes fechado para a real compreensão do problema. Ocupando-se com o problema, a mente se está isolando. Não ponhais a mente a trabalhar, mas vêde o que é que cria o problema. É a mente. A mente, no seu isolamento, naquele estado de não comunhão, tem o seu problema, e, por essa razão, andamos a fazer perguntas, em busca de uma resposta que nos “abra a porta” do problema. Estamos, pois, a procurar uma chave, em vez de darmos atenção ao problema. A mente ocupada a respeito do problema não pode examinar o problema.

Temos tantos problemas na vida, não só os problemas da superfície — econômicos e sociais — mas também os problemas inconscientes, profundos, que governam e moldam os acontecimentos exteriores. Esses problemas são o resultado, o fruto da nossa confusão, da nossa luta interior. A mera alteração superficial das condições econômicas, não pode quebrar aquela entidade interior que molda as coisas a seu talante. Assim, para compreender realmente o problema, não deve a mente estar ocupada com ele. Mas, em geral, temos tanta ânsia de resolver o problema que nos desafia, que desejamos uma resposta imediata, esta resposta é para nós importantíssima, porquanto pensamos que, tendo a resposta, teremos resolvido o problema. A mente que busca a resposta é, com efeito, uma mente muito superficial, medíocre.

Todos somos educados para acharmos respostas, para sermos ensinados, para copiarmos e fazermos o que nos mandam fazer. Ora, sem dúvida, a vida é um “processo de viver dia por dia”, e o viver não contém respostas. A mente que só está à procura de uma resposta para o problema, achará essa resposta, mas o problema permanecerá e tornará a apresentar-se sob outra forma. Nessas condições, se eu for capaz de compreender o problema, de

prestar-lhe a devida atenção, o problema estará resolvido. Mas, como não sou capaz de fazê-lo, fico procurando a solução. Não posso atender ao problema, se o condeno. É esta a circunstância real, a circunstância básica que nos impede a compreensão do problema. Ele permanece, enquanto estamos julgando, condenando, comparando. Senhor, se não condenais, se não julgais ou comparais, existe algum problema para a mente?

A mente que condena, julga, analisa, compara, cria o problema. Não digais: "Como devo proceder?". Se aprenderdes um método, ele vos dominará a mente, e de novo lá estará o problema. Mas, se se perceber a verdade contida na asserção de que o condenar, o julgar, o comparar é que cria o problema, poder-se-á então apreciar a inteira significação do problema.

PERGUNTA: *Percebo que fui educado muito erradamente. Que posso fazer? Posso reeducar-me, ou estou mutilado para o resto da vida?*

KRISHNAMURTI: Senhor, quando a mente está doente, quando o cérebro está doente, é impossível a educação, não achais? Mas nós somos entes humanos vivos, e em nós existe aquela qualidade, aquela inteligência que pode ser despertada e que pode educar-se a si própria. Não há entidade humana que esteja tão mutilada, que não possa promover sua própria regeneração.

É muito difícil compreendermos que fomos educados erroneamente. Antes de dizerdes que tendes de reeducar-vos, não deveis saber que fostes educados erroneamente? É tão fácil dizer que fomos educados erroneamente! Isto é, podeis ter sido educado para exercerdes uma determinada profissão técnica, e descobrires que ela não corresponde à vossa vocação, mantendo-vos nela, entretanto, por causa

das vossas responsabilidades. Abandonar aquela profissão e adotar outra — isso é educação? Ou o aprender outra língua, aprender outra técnica, é educação? Sem dúvida, para se descobrir o que é educação correta, requer-se muito percebimento e penetração. Não é tão fácil asseverar que os mais de nós fomos educados erroneamente.

Nossa educação, desde a infância, foi sempre o cultivo do temor, e é só ele que conhecemos. Sempre nos criaram dêsse modo. Fazem-nos estúpidos, por meio dos exames, da comparação com o aluno inteligente, com o pai, com a mãe, com o tio; pela compulsão, sob várias formas, por parte dos pais, dos mestres, da sociedade; quer dizer, pelo cultivo do temor. Saindo do colégio, ajustamo-nos a um falso padrão de vida, para fazermos o que nos mandam fazer. O medo determina o inevitável curso da nossa vida; e, na medida em que crescemos, a vida se torna mais sombria e confusa. Eis o que é a vossa vida; mas os pais não compreendem que o medo destrói e que o medo não nasce, quando, desde a infância, não se fazem comparações, não se fazem exames e, sim, somente, observações e anotações a respeito de cada criança.

Tôda a nossa educação, religiosa, econômica, social, está baseada no cultivo do temor. Vós desejais ser **alguém**; do contrário, não sois ninguém; por isso, lutais, competis e vos destruíis. Só o homem que não tem medo é **ninguém**. Ser **ninguém** é que é a verdadeira educação. Há o espírito do anonimato nas grandes coisas da vida criadora. A verdade é anônima, não é vossa nem minha. Não pode haver anonimato, quando a mente tem medo. Assim, pois, descobrir os modos de ação do temor, e ser livre — não no fim da vida, mas ser livre desde o começo, compreendendo o que é o temor — isto é que é a verdadeira educação. Desde a meninice precisamos compreender os modos de ação do temor, para que, crescendo, saibamos enfrentar o temor e todos os problemas da vida; para que a

nossa mente, ainda que encontre problemas contínuos, seja sempre fresca, nova; e para que nunca haja fator algum de deterioração, tal como a memória de ontem.

PERGUNTA: *A oração não tem eficácia, ou a verdadeira oração é a mesma coisa que meditação?*

KRISHNAMURTI: A oração e aquilo que chamais meditação são atos volitivos. Não é verdade isso? Sentamo-nos, deliberadamente, para meditar, assumimos uma certa postura, concentramo-nos para compreender. Nós oramos porque sofremos. Atrás da oração e dos métodos de meditação que conhecemos, está um ato de volição, um ato de vontade. Quando orais, isso é obviamente um ato de vontade; vós desejais, rogais, pedis; em consequência de vossa confusão, vossa miséria, vosso sofrimento, pedis a alguém que vos dê luz, conforto; e obtendes o conforto. Quem pede, em geral, recebe o que pede; mas o que recebe pode não ser a verdade, e geralmente não é a verdade. Não podeis chegar-vos à verdade como um pedinte. Ela tem de vir a vós; só então se pode ver a Verdade, e não pedindo. Nós porém, somos pedintes, e estamos numa eterna busca de conforto, de um estado em que nunca sejamos perturbados; pedimos a recompensa, e a obteremos; mas essa recompensa é morte, estagnação. Não conheceis aqueles que desejam e pedem a paz? Eles a obtêm, mas a sua paz é isolamento, repetição contínua das mesmas frases, aprendidas de cor. A mente os põe quietos. Isso é como água estagnada coberta de limo — as palavras estão encobertas pelas atividades da mente. A mente é posta num estado de embotamento. Isto, decerto, não é meditação.

A meditação é algo de todo diferente, não é? Tende a bondade de seguir o que estou dizendo, para verdes a ver-

dade a respeito da meditação. Para o meditar, faz-se necessária a compreensão do meditador; êste é o primeiro requisito, e não o **como** meditar. Porque o “como meditar” implica concentração, que é exclusão. Podeis absorver-vos completamente, na exclusão, mas isso não é meditação. Meditação é processo de autoconhecimento, isto é, conhecimento do meditador — não do “meditador superior” que está meditando, do “eu superior” que está buscando. Pensar no eu superior não é meditação. Meditação é estar cômico das atividades da mente — da mente do meditador, de como a mente se divide em meditador e meditação, de como a mente se divide em pensador e pensamento, o pensador dominando o pensamento, controlando o pensamento, moldando o pensamento. Existe, pois, em todos nós, o pensador separado do pensamento; o pensador se tornou o “eu superior”, o “eu mais nobre”, o **atman**, etc., mas isso, sem embargo, é ainda a mente dividida em pensador e pensamento. A mente, vendo que o pensamento é fluido, impermanente, cria o pensador como entidade permanente, o **atman** permanente, absoluto, infinito. Quando a mente cria o “eu superior” ou **atman**, êsse “eu superior”, sem embargo, é ainda uma coisa do tempo; está ainda na esfera da memória, é uma invenção da mente, uma ilusão criada pela mente, com uma finalidade. Isto, quer vos agrade, quer não, é um fato psicológico, podeis resistir-lhe, chamá-lo uma inovação extravagante, e alegar que o que está dito nos **Upanishads**, no **Gita**, é contrário ao que estou dizendo. Mas, se realmente examinardes êsse fato bem de perto, sem medo e sem resistência, vereis que só existe pensamento, o qual cria o pensador, e não: primeiro o pensador e depois o pensamento.

Não pensais em que sois **ninguém**. Porque os vossos pensamentos estão condicionados, porque pensais como hinduísta, considerais a vós mesmo como uma mente se-

parada, um estado separado, o pensador. Enquanto houver um experimentador experimentando, não pode haver a verdadeira meditação. Mas o descobrimento de que o experimentador é a experiência, êsse descobrimento é meditação.

Pode alguém descobrir por si mesmo — não de acôrdo com o que disse Sankara ou Budha — pode alguém perceber por si mesmo a verdade de que o experimentador e a experiência são uma só coisa, que pensamento e pensador são um todo integral? Isso eu só posso descobrir pelo processo da meditação, que é: compreender o que está realmente sucedendo, observar o funcionamento da minha mente. Não é preciso aprender nenhuma técnica especial para se descobrir que o experimentador e a experiência são uma só entidade. Esta verdade não pode ser repetida fàcilmente, superficialmente, porque isso não tem significação alguma. Mas no momento em que, pela reflexão, eu a percebo, nesse momento começa a meditação; a meditação já não é, então, uma dada postura, durante uma hora, mas um estado que se prolonga pelo dia todo; porque a mente se acha então num estado de percebimento — não como experimentador a experimentar e portanto a julgar, pesar, avaliar, excluir; pois, afinal de contas, as experiências criam o experimentador, os pensamentos criam o pensador, constroem o pensador.

Vêde o que acontece ao terdes uma experiência qualquer: vossa mente a registra imediatamente, dela se recorda. A lembrança da experiência é a criação do experimentador, que afirma, então, dever repetí-la ou evitá-la. Observai a vossa própria mente e vêde como tôda experiência cria o pensador, o “recordador”, que diz “quero mais”, perpetuando-se dêsse modo a si próprio. Tal é o processo do tempo. A mente está sempre a procurar uma experiência, uma experiência mais rica, mais ampla, mais nobre, mais profunda, mais pura — e portanto

a recebe. Entretanto, êsse recebimento mesmo, é a criação das cadeias que prendem a humanidade. A memória é o "eu" — o experimentador. Dêsse modo, quando eu, como experimentador, procuro Deus, quando procuro a Verdade, que irei conhecer e da qual receberei socorro, minha mente se está movendo do conhecido para o conhecido, do tempo para o tempo; e êsse processo é chamado meditação. Mas constitui êle uma prática nociva e não é, absolutamente, meditação e, sim, tão só, a perpetuação do "eu" de diferente maneira. Não há meditação, no sentido mais profundo da palavra, quando existe experimentador e experiência.

Ê necessário o desaparecimento do experimentador e da experiência, das coisas de que o experimentador se recorda, que reconhece; o que significa que deve haver um estado em que não há reconhecimento. E isso significa morrer para cada experiência, não se deixando criar o experimentador. Se escutardes realmente e perceberdes a verdade ou a falsidade disso, sabereis o que é meditação — o que não significa saber **como** se deve meditar, mas perceber o pleno significado da meditação.

A virtude, afinal, é ordem. A verdade real é uma coisa pura, mas não constitui um fim em si. O que se põe no quarto é mais importante do que o estado de limpeza do quarto. Por conseguinte, o cultivo da mente ou o desenvolvimento da virtude não é importante, pois não constituem o esvaziamento da mente, necessário para o recebimento do Eterno. A mente precisa estar vazia, para receber o Eterno.

O imensurável só pode surgir por si, pois não pode ser chamado; e só surgirá se a mente não estiver exigindo mais nada, não estiver mais rezando, pedindo, suplicando; quando estiver livre, livre do pensamento. O cessar do pensamento é a peculiar função da meditação. Pre-

cisamos estar livres do conhecido, para que possa existir o desconhecido. Isto é meditação, e não se consegue por meio de nenhuma técnica ou exercício. Exercício, disciplina, repressão, renúncia, sacrifício, tudo isso serve apenas para fortalecer o experimentador, dar-lhe o controle de si mesmo; mas esse controle destrói. Nessas condições, só quando a mente não tem experimentador nem experiência se apresenta aquela felicidade que **é**, que não pode ser procurada, e que só pode surgir estando a mente silenciosa e livre.

21 de fevereiro de 1954

— VI —

ACHO que, se pudermos compreender o problema da frustração, teremos uma mentalidade que não será meramente intelectual, mas uma atividade “integrada”. Nossas religiões, nossas atividades sociais estão baseadas na frustração e no sofrimento. Se pudermos compreender esta questão da frustração, que é realmente o problema da dualidade, talvez possamos, por nós mesmos e como indivíduos, chegar àquela ação criadora que não é uma simples capacidade ou talento, mas uma ação totalmente diversa. Se pudermos esclarecer esta questão da dualidade e do conflito entre “o que é” e “o que deveria ser”, talvez então compreendamos a mente que é sem raiz, pois a mente da maioria de nós tem raiz.

A própria existência da mente indica — não é verdade? — pensamento com raiz no passado. Esta raiz é que cria a dualidade. É possível não dar continuidade a essa raiz, no presente ou no futuro? Só a mente sem raiz pode ser verdadeiramente religiosa e, portanto, capaz da transformação radical que possibilitará o despontar da realidade. Desejo examinar esta questão, aparentemente um pouco difícil; mas, se pudermos fazê-lo de maneira simples, não filosoficamente, então talvez estejamos aptos a apreciá-la e compreendê-la por nós mesmos. Mas a dificuldade consiste em que nós, em geral, já lemos tanta coisa sobre este problema da dualidade; conhecemos o problema de acôrdo com alguma filosofia, algum instrutor, não o conhecemos diretamente, porém, sem que nos tenham chamado para êle a atenção. Se pudermos exami-

nar o problema da dualidade, não intelectual ou filosoficamente, mas observando as atividades de nossa própria mente, enquanto estou falando, talvez então possamos apreciar o problema de maneira diferente. Se puderdes escutar, não a descrição que eu faço, mas as atividades de vossa própria mente, desde o começo de minha descrição ou “verbalização”, isso será então uma experiência direta e, portanto, muito mais vital e significativa do que o mero descobrimento, em todos nós, de um processo dual, apontado por algum filósofo, algum instrutor religioso ou algum livro. Entretanto a dificuldade é que os que aqui estão escutando já chegaram a alguma conclusão ou já ouviram o que eu disse antes e sua mente, por conseguinte, está cheia das cinzas da memória das minhas afirmações; por essa razão, não haverá uma experiência nova, uma coisa real, viva. Os que aqui estão pela primeira vez só poderão achar enigmático o que estou dizendo, pois é provável que eu empregue palavras com um significado diverso daquele a que estão habituados. Mas, conhecendo-se tôdas as dificuldades suscitadas pelas cinzas da memória, pela experiência e pelo conhecimento prévios, bem como pela circunstância de se estar aqui pela primeira vez, ouvindo coisas tão altamente “filosóficas” e difíceis — e portanto repelindo-as — temos de escutar com uma mente nova. E não pode nascer essa mente nova, se não observardes o vosso próprio processo de pensamento, desde o momento em que eu começo a falar a respeito dêste problema da frustração e da dualidade.

Não vos estou dizendo coisas e, sim, apontando fatos. Vós e eu podemos compreender o fato, apreciá-lo sem condenação, sem julgamento, observá-lo com simplicidade, e estar inteiramente cônscios dêle — não como o observador a observar, mas percebendo o que de fato está acontecendo, “experimentando” realmente o processo pelo qual a mente cria a dualidade e faz nascer a frustração,

processo em que estão baseadas nossa cultura, nossas religiões, nossas atividades sociais. Se pudermos compreender êsse processo, descobriremos o que é a verdadeira liberdade.

A dificuldade é que a maioria de vós considera estas minhas palestras como conferências, coisas para serem ouvidas e lembradas, coisas que vos proporcionarão muitas experiências, sensações, excitações emocionais. Mas tal não é a intenção, absolutamente, pelo menos de minha parte. O mais importante é que se tenha a revolução religiosa, uma transformação religiosa radical, fundamental, porque tôdas as outras modificações são sem significação, tôdas as outras revoluções só redundam em novos sofrimentos. Se pudermos perceber a verdade desta asserção, perceber a importância de uma revolução religiosa radical, e que só ela poderá promover uma modificação nas nossas relações com todos os homens, estão estas palestras não serão um simples meio de excitação ou divertimento intelectual ou emocional, mas algo de verdadeira significação em nossa vida diária. Por conseguinte, temos de ouvi-las como se fôsse a primeira vez que as ouvimos, isto é, num "estado de novo"; êsse "estado de novo" não poderá existir se não observardes a vossa própria mente, desde o momento em que eu começo a falar, a penetrar o problema.

O problema é o problema da luta, do conflito, da luta incessante entre "o que eu sou" e "o que deveria ser", o conflito entre "o que é" e "o que poderia ser. A mente está sempre e sempre a forcejar, a lutar, acomodar, ajustar, controlar, em conformidade com "o que deveria ser". Isto é tudo o que sabemos. "O que deveria ser" é para nós mais importante do que "o que é." Temos êsses padrões ideológicos a que o espírito se está constantemente ajustando. Êsse ajustamento é ação da vontade, mediante compulsão, persuasão. E daí resulta luta, e a luta pro-

duz frustração. Isto não é simplificação exagerada, é o que de fato acontece com cada um de nós: “eu sou isto, e no futuro deverei ser aquilo”. Mas o futuro, o que deveria ser, o ideal, é um oposto, uma contradição do que é. A mente percebe que eu odeio e diz “devo amar”; a mente, por isso, fica perenemente ocupada em ajustar-se, forçar-se, disciplinar-se, para alcançar um estado a que ela chama amor. Eu não conheço o amor, mas a minha mente está perseguindo o que ela pensa ser o amor, e que é só uma idéia, o oposto daquilo que eu sou. A projeção de uma idéia do que seja o amor não é o amor e, sim, uma reação daquilo que eu sou, que é: “eu odeio”. Na minha luta para apoderar-me daquele amor, eu sou violento e tenho a idéia da não violência; e, assim, faço exercícios, disciplino, controlo, moldo a minha vida, segundo aquela idéia, aquele padrão, mas nunca chego a preencher o padrão. Isso acontece porque, quando o alcanço, logo a minha mente inventa outro padrão. E assim prossegue, a mudar de padrão continuamente. Por essa razão, a minha vida é uma série de frustrações, sofrimentos e lutas por uma coisa após outra. E, pois, a minha vida uma sucessão de lutas e desditas, que é só o que eu conheço.

O importante não é “o que deveria ser” mas “o que é”. “O que é”, o que eu conheço, êste é que é o fato. A outra coisa não existe. Se minha mente puder dar tódia a atenção ao que é, sem criar o oposto, descobrirá então o que é o amor — não o amor como oposto do ódio. Mas o problema de compreender o que é o ódio requer percebimento sem condenação. Porque, no momento em que o condeno, estou odiando, já criei o oposto. Espero esteja expondo a questão com clareza e simplicidade. Quando se pode ver essa coisa, isto, com efeito, é uma extraordinária libertação de tódas as frustrações que temos criado.

Somos um povo infeliz; nossa religião é infeliz, sendo produto da infelicidade, da luta, da frustração; nossos

deuses e até a nossa cultura resultam dessa frustração. Temos, pois, de compreender, não apenas verbalmente, intelectualmente, mas mui profundamente o fato que diz respeito ao que “eu sou”, “o que é”. O fato é êste: “eu odeio; eu sou violento” — só isso. Mas a mente não quer aceitar êsse fato e, por essa razão, cria o oposto; isto é, condena o fato, criando, assim, o oposto. Essa condenação é justamente o processo de criação da dualidade. Mas se eu puder perceber que a minha mente condena e que pela condenação eu crio o oposto e, portanto, dou origem à luta, essa própria compreensão do fato de que a condenação cria o oposto e, conseqüentemente, o conflito, êsse próprio percebimento põe fim ao processo da condenação — não pela compulsão, mas simplesmente pelo percebimento do fato. Tenho, pois, diante dos olhos só o fato de que odeio, sem nenhuma projeção mental do oposto.

Compreendeis, senhores, que liberdade extraordinária é esta, quando não temos nenhum oposto? Pode-se então apreciar o fato. E então a coisa que eu chamava “ódio” — visto que não a condeno mais — já não é ódio. Mas eu condeno o ódio e desejo transformá-lo em amor, porque minha mente tem sua raiz cravada no passado. Essa avaliação é o julgamento proveniente do passado; e com êsse “fundo” é que eu aprecio o ódio e desejo transformar êsse ódio naquilo que chamo amor; isso produz conflito, luta, com tôdas as suas disciplinas, contrôles e supostas meditações.

Ora, pode haver um estado livre do passado? Pode haver um estado livre do pensamento que se projeta no futuro? Eu odeio; esse ódio é o resultado do passado, uma reação; e o pensamento, então, o condena, e o projeta no futuro, assim formulado: “devo amar”. Eis como o pensamento se enraíza no passado e no futuro, tornando-se contínuo; e nessa continuidade há a luta para prosseguir, na forma do oposto. O que estou procurando averiguar

é se a mente pode em algum tempo ser totalmente livre, e não ter raiz alguma. Quando a mente tem raiz, ela tem de “projetar-se”, estender-se; êsse estender-se é o oposto; por isso o pensamento é contínuo, nunca chega a um fim; êle é a continuidade de meu condicionamento, do meu “fundo”, estendida para o futuro; e por essa razão não há liberdade. Estou procurando averiguar se é possível a mente achar-se num estado em que se não esteja enraizando mediante as experiências. Sem se achar naquele estado, a mente não é livre, vendo-se sempre em conflito. Por conseguinte, para a mente que tem raiz, há sempre frustração; e, não importa qual seja a sua atividade — social, cultural, religiosa — essa atividade é sempre produto da frustração; não é, por conseguinte, a verdadeira transformação religiosa, em que há a cessação de tôdas as projeções do pensamento que se enraízam na mente.

Pode a mente existir, sem raiz alguma? O mais que se pode fazer é averiguar, ver se a mente pode existir sem raiz — viver, existir, como o mar, sem raiz alguma, sem estar firmada num determinado lugar, numa determinada experiência, num determinado pensamento. Senhor, só a mente que não tem raiz pode conhecer o Real. Porque, no momento em que a mente experimenta e instala a experiência na memória, esta memória se torna a raiz, o passado; e esta memória, então, fica a pedir mais e mais experiências; por esta razão, há a constante frustração do presente. A frustração implica — não é verdade? — a condenação do estado da mente, tal como ela é. A mente, tal como é, está cheia da tradição, do tempo, de lembranças, ódio, ciúme. Pode-se compreender essa mente, sem condenação — isto é, sem se criar o oposto? No momento em que condenamos “o que é”, não o compreendemos. A compreensão do que é só pode ocorrer quando não há condenação; só então se pode estar livre do que é.

Para mim, a mente que não tem a luta da dualidade é que é a mente verdadeiramente religiosa, e não a que está lutando para vencer a cólera, não a mente que está lutando para se tornar não violenta; esta só está vivendo na luta do oposto. É só a mente verdadeiramente religiosa que não tem o conflito do oposto; ela não conhece a frustração; não luta para se tornar alguma coisa; é “o que é”. Com a compreensão do que ela realmente é, a mente já se não está enraizando na memória.

Tende a bondade de escutar o que estou dizendo, não importa se verdadeiro ou falso — procurai descobrir o fato por vós mesmos. A mente que tem continuidade na memória, estará sempre frustrada, estará sempre a lutar para ser algo. “Vir a ser” é enraizar-se — numa idéia, numa pessoa, num objeto. Quando a mente se enraíza, surge o problema: “Como poderá ela libertar-se?”. A sua libertação assume então a forma do oposto, e daí resulta a luta para achar a maneira **como** libertá-la. Se se perceber, porém, se se compreender, se se estiver cômico de como a mente está sempre a enraizar-se em cada experiência, em cada reação, então, nesse percebimento, não há escolha, não há condenação, por conseguinte não há a criação do oposto, consequentemente não há luta. Então, a mente não tem nenhuma raiz, mas está viva; não tem continuidade, mas se acha num “estado de ser” em que não existe o tempo. Parece-me importante compreender isto, não apenas verbal ou intelectualmente, mas vendo, de fato, como a mente está criando a luta e o processo dual.

A ação da mente sem raiz é criadora, porque essa mente já não se acha num estado de frustração, de onde pinta, escreve, ou busca a Realidade. Essa mente não busca; o buscar supõe a dualidade; o buscar é luta, é estender o pensamento do passado para o futuro e deixá-lo firmar-se na raiz do futuro. Se a mente puder perceber ês-

se fato, estar cônica dêsse fato, dar-se-á uma extraordinária libertação de tudo quanto é luta; por consequência, haverá felicidade e bem-aventurança; e essa felicidade e bem-aventurança não é o oposto do sofrimento, da desgraça ou da frustração. Isto não são meras palavras; falo de estados diretos de que a mente se apodera, instalando-se na experiência; estados que, com efeito, não podem ser conhecidos por uma mente que luta para se tornar o oposto.

Tudo isso requer — não é verdade? — o percebimento do processo mental. Refiro-me ao percebimento do processo total da existência: sofrimento, dor, amor, ódio, sentimento, ilusões — pois tudo isso constitui a mente. Não e, pois, importante ver como a vossa mente funciona, ver como opera, como “projeta”, como se apegas ao passado, à tradição, às inúmeras experiências, impedindo assim a experiência da Realidade? Estar cônico disso tudo não é saber o que dizem os modernos ou antigos instrutores, ou os psicólogos, ou os *gurus*. Nenhum valor tem estar-se informado sobre o que outros disseram, porque cada um tem de descobrir por si mesmo o processo de sua própria mente. Esse descobrimento não é possível se nos retiramos para uma caverna nas montanhas, mas sim no viver de dia para dia. É preciso também perceber que aquilo que descobrimos já se pode ter tornado a raiz que determina as nossas ações; isto é, temos de descobrir como a mente pode servir-se dos seus próprios descobrimentos como uma experiência que determina o que ela pensa, de modo que essa experiência se torna o nosso obstáculo, levando-nos à frustração. Ver tudo isso é percebimento. Esse percebimento só pode ocorrer quando não há condenação — o que, com efeito, significa a quebra completa de todo o condicionamento da mente, para que a mente possa achar-se num estado em que já não crie raízes, sendo por conseguinte uma mente sem âncora e havendo, por-

tanto, a experiência real. Só esta mente é capaz de ver e conhecer aquilo que é eterno.

Senhores, quando eu estiver respondendo a estas perguntas, observai a vossa própria mente criando a dualidade. Vêde como a mente espera uma resposta. Ela faz uma pergunta por causa de sua própria frustração, de seu sofrimento, de suas tribulações e confusão. Faz a pergunta e a converte num problema, e fica à espera de uma resposta. Ao receber a resposta, diz: “como posso chegar lá?” O **como** é a luta — a luta entre o problema e a solução, entre “o que é” e “o que deveria ser”. O método é o **como**, o método é luta; o método, por conseguinte, pela sua própria natureza, produz a frustração. É, portanto, o mais estúpido dos espíritos aquele que diz: “como posso fazer isso?”, “como posso chegar lá?”, “Eu sou isto e desejo ser aquilo, mas **como**?”.

O importante é “o que é”, não “o que deveria ser”. A compreensão do que é requer a cessação da condenação, e nada mais. Não digais “como posso deixar de condenar?” — porque então vos vereis de novo dentro do mesmo antigo processo. Mas vêde a verdade contida na asserção de que o condenar produz a luta e, portanto, a dualidade, e portanto a luta em direção ao oposto. Vêde isso, simplesmente, percebei simplesmente o fato; ocorre então a revelação do é, que é o problema.

PERGUNTA: *Eu conheço a solidão, mas vós falais de um estado que denominais “estar só”. São estados idênticos?*

KRISHNAMURTI: Conhecemos a solidão, não é verdade? — o medo, o sofrimento, o antagonismo, o verdadeiro terror em que se acha a mente que percebe a sua própria solidão. Todos nós conhecemos êsse estado, não é? Êsse estado de solidão não é estranho a qualquer de

nós. Podeis ter tôdas as riquezas, todos os prazeres, ter muita capacidade e felicidade; mas, lá dentro, está sempre emboscada a sombra da solidão. O homem rico, o homem pobre e que luta, o homem que escreve, que cria, o homem que adora — todos êles conhecem essa solidão. Quando se vê nesse estado, que faz a mente? Liga o rádio, abre um livro — foge do que é para algo que não é. Senhores, segui o que estou dizendo — não as palavras mas a sua aplicação, observando a vossa própria solidão.

Quando cõscia da sua solidão, a mente foge, evade-se. A fuga para a contemplação religiosa, ou para o cinema é a mesma fuga — fuga ao que é. O homem que foge por meio da embriaguez não é mais imoral do que o homem que foge por meio da adoração de Deus; os dois são iguais, ambos estão fugindo. Se, ao observardes o fato de que estais na solidão, não houver fuga e, portanto, não houver luta na direção do opôsto, então, em geral, a mente tende a condenar o fato, pela medida do seu conhecimento. Mas, se não há condenação, nesse caso a atitude da mente com relação à coisa a que chama “solidão”, passa por uma transformação completa, não é verdade?

A solidão, afinal, é um estado de auto-isolamento, porque a mente se fecha e segrega de tôdas as relações, e de tôdas as coisas. Nêsse estado, ela conhece a solidão; mas se, sem condenar a solidão, a mente ficar vigilante, então, sem dúvida nenhuma, a solidão sofre uma transformação. Essa transformação poderá chamar-se “estar só” — mas pouco importam as palavras que empregamos. Nesse “estar só” não há temor. A mente que se sente solitária porque se isolou por meio de várias atividades teme aquela solidão. Entretanto, se há um percebimento completamente isento de escolha — o que significa: isento de condenação — então a mente já não está solitária, porém “só”, estado em que não há corrupção e não há nenhum processo de auto-isolamento. Precisa-

mos estar sós, é necessário êsse “estar só”, no sentido que lhe damos. A solidão é um estado de frustração, o “estar só”, não é; mas “estar só” não é o oposto da solidão.

Por certo, senhores, precisamos estar sós, **desacompanhados** de tôdas as influências, tôdas as compulsões, tôdas as exigências, ânsias, esperanças. Porque, então, a mente já não estará entregue às atividades conducentes à frustração. Êsse “estar só” é uma coisa essencial, uma coisa religiosa. Mas a mente não pode alcançá-lo, sem compreender, no seu todo, o problema da solidão. Quase todos nós estamos solitários, tôdas as nossas atividades são atividades conducentes à frustração. O homem feliz não é um solitário. A felicidade é “desacompanhada”, é a ação inerente ao “estar só”, ação totalmente diversa das atividades da solidão.

Tudo isso requer percebimento, um percebimento total do nosso ser completo, consciente e inconsciente. Como, nós, em geral, vivemos sòmente na consciência superficial, no nível superficial da mente, as fôrças subterrâneas profundas, a solidão, o desespero e as esperanças estão sempre a nos frustrar a atividade superficial. É importante, pois, compreender a existência total da nossa mente; e essa compreensão nos é negada, se, no percebimento, há escolha, condenação.

PERGUNTA: Com certeza, senhor, apesar de tudo o que tens falado a respeito do seguir, estais bem còncio de que sois continuamente seguido. Como agis a êsse respeito, já que isso — segundo vós mesmo — é um mal?

KRISHNAMURTI: Senhores, nós sabemos que seguimos: seguimos o guia político, seguimos o **guru**, seguimos um padrão ou uma experiência. Tôda nossa cultura e educação está baseada na imitação, na autoridade, no seguir.

Afirmo que todo o seguir é um mal, inclusive o seguir a mim próprio. O seguir é uma coisa maligna, destrutiva; e, entretanto, a mente segue, não é verdade? Ela segue Budha, segue Cristo, segue uma idéia, uma Utopia perfeita — porque a mente se acha num estado de incerteza, e quer a certeza. O seguir é uma exigência de certeza. Visto que exige a certeza, a mente está criando a autoridade — política, religiosa, ou a autoridade própria — e está sempre a copiar; por conseguinte está lutando incessantemente. O seguidor jamais conhece a liberdade que há em não seguir. Só se pode estar livre, havendo incerteza e, não, quando a mente está a perseguir a certeza.

A mente que está seguindo, está imitando, está criando a autoridade e, portanto, com medo. Este é que é realmente o problema. Todos nós sabemos que seguimos, todos aceitamos certas teorias, certas idéias, alguma Utopia ou outra coisa qualquer, porque, muito profundamente, no consciente e bem assim no inconsciente, lá está o temor. A mente que não teme não cria o oposto e não tem o problema do seguir; não tem guru, não tem padrão; ela está viva.

A mente se acha num estado de temor — medo da morte, medo de alguma coisa; e para ser livre entrega-se ela a várias atividades que conduzem à frustração; e surge, então, o problema: “pode a mente ficar livre do temor?” (não “como” ficar livre?). “Como ficar livre?” é uma pergunta de colegial. Desta pergunta resultam todos os problemas — a luta, a consecução de um fim e, por conseguinte, o conflito dos opostos. Pode a mente ficar livre do temor?

Que é o temor? O temor só existe em relação com alguma coisa. Tenho medo da opinião pública, tenho medo de meu patrão, de minha mulher, de meu marido; tenho medo da morte; tenho medo da solidão; medo de não alcançar, de não conhecer a felicidade nesta vida, de

não conhecer Deus, a verdade, etc. O medo, pois, está sempre em relação com alguma coisa.

Que é êsse medo? Se pudermos compreender a questão do desejo, o problema do desejo, poderemos, suponho, compreender o temor e ficar livres dêle.

“Eu desejo ser alguma coisa” — eis a raiz de todos os temores. Quando desejo ser alguma coisa, meu desejo de ser essa coisa e o fato de que não sou essa coisa criam o temor, não só num sentido restrito, mas também no mais amplo sentido. Nessas condições, enquanto existir o desejo de ser algo, tem de haver temor.

Estar livre do desejo não é a projeção mental de um estado que o meu desejo me diz ser o estado em que devo achar-me. Temos de ver, com toda a simplicidade, o fato do desejo, temos de estar simplesmente cônscios dêle — como vemos num espelho, sem deformação, a nossa imagem, o nosso rosto, tal como é e não como desejamos que seja. O reflexo da vossa imagem no espelho é muito exato; se puderdes estar cônscio do desejo em igual sentido, sem condenação; se simplesmente o observardes vendo-lhe todas as facetas, todas as atividades, vereis, então, que o desejo tem um significado inteiramente diverso.

O desejo da mente é de todo diferente do desejo em que não há escolha. O que combatemos é o desejo da mente — o desejo de “vir a ser alguma coisa”. É por causa dêle que seguimos e que temos **gurus**. Todos os livros sagrados vos levam à confusão, porque vós os interpretaís de acôrdo com o vosso desejo e, por conseguinte, só enxergais o reflexo dos vossos próprios temores e ansiedades, nunca a Verdade. Assim, pois, só a mente que se acha num estado sem desejo algum, só essa mente é que não segue e não tem **guru**. Ela está totalmente cônscia de qualquer movimento; só então pode manifestar-se a bem-aventurança do real.

24 de fevereiro de 1954

DESEJO tratar nesta tarde de um problema um pouco difícil, e espero escuteis com interesse, não pelo resultado final, mas desde o começo.

Parece-me, nem o reformador nem o radicalista, têm a solução real do problema. Suas ações nascem da confusão. Ora, os mais de nós estamos vivamente interessados na ação; queremos fazer alguma coisa, queremos alterar radicalmente a ordem social. Nossa perspectiva, nossa avaliação das coisas estão sempre baseadas no resultado. Tanto o reformador como o radicalista nos prometem resultados. Os dois estão muito seguros dos seus resultados; dizem êles não serem entes confusos; e tudo lhes está muito claro, no seu padrão de ação e de vontade.

Pretendo, agora, falar sobre um modo de proceder, que não é ação, absolutamente. A ação que conhecemos nasce da escolha, da determinação. Como sabemos, como observamos, no mundo, a ação tem várias formas: aceitação da autoridade, liquidação, redistribuição, descentralização, etc. Mas eu acho que existe uma ação que absolutamente não é ação nem tão pouco reação. Conhecemos a ação que vem da escolha, da determinação, do desejo de resultado, de uma Utopia; mas tal não é a ação verdadeira, porque leva ao conflito, à luta entre o homem e o homem. Cumpre-nos, pois, descobrir um estado de onde brote ação que não seja reação ou resultado da ação de um reformador ou radicalista. Considero muito impor-

tante descobriremos se estamos confusos ou não, porque a ação resultante de um estado confuso não é ação verdadeira.

Todos sabemos que estamos confusos. Se não estivéssemos confusos, nossa ação poderia ter sido uma ação verdadeira. Nós, porém, não estamos certos. Nenhum ente humano — nem o capitalista, nem o comunista, nem o socialista — está bem lúcido. Mas, todos querem estar lúcidos e êsse próprio desejo de clareza cria a ação produtiva da incerteza; porque, basicamente, todos estão confusos.

Acho ser muito importante admitirmos que estamos confusos. Mas ninguém quer admiti-lo. O reformista e o radicalista asseguram que sabem e que estão lúcidos; e sua ação, por conseguinte, nascida que é da confusão, produz inevitavelmente destruição e incerteza.

Ora, em geral, nós sabemos que estamos confusos, não numa só camada da consciência, porém completamente, das camadas conscientes às camadas inconscientes, mas não temos a coragem de admiti-lo. Se procurarmos compreender realmente a questão da ação, examinando-a, não verbalmente, não intelectualmente, teremos de admitir que estamos confusos; e é o próprio percebimento dessa confusão que produz uma ação que não é da mente. Iniciamos tôdas as nossas ações na suposição de que **sabemos**. Mas só dizemos que sabemos. Afora isso, sabemos alguma coisa? O reformista e o radicalista dizem que sabem, e impelem a outros para o seu padrão de ação, padrão que, com efeito, nasceu da confusão. Toda ação proveniente de uma mente confusa há de ser, forçosamente, uma ação confusa.

Estou confuso, e nesse confuso estado mental me persuado de que devo aceitar determinado modo de agir; mas, basicamente, eu estou confuso e de dentro desta confusão

procuro criar a certeza, certeza que, essencialmente, é uma “certeza confusa”. Atribuo-lhe, porém, um nome e um padrão, e algumas pessoas me seguem. Entretanto, o fato é que tanto essas pessoas como eu estamos todos confusos. Vós e eu estamos confusos. Nossos guias políticos, sociais e religiosos estão todos confusos. Se pudermos admitir êsse fato, não meramente de maneira intelectual ou verbal, porém de um modo real, perceberemos que o resultado de tôda ação dessa natureza tem de ser, necessariamente, confuso.

Cada um de nós tem de ver que todos basicamente estamos confusos. Mas é muito difícil admitir-mo-lo. Ora, se estamos confusos, podemos dizer que devemos agir? Se eu estou confuso e percebo que estou confuso, o que aconteceria é que a minha confusão produziria a sua ação própria, que é a incerteza. Julgo importantíssimo compreender isto, porque então a ação se encarregará de si mesma. Por enquanto, não estou interessado na ação. Acho necessário estabelecer-se uma relação entre vós e mim. Não creio na ação do reformista ou radicalista; o que me interessa é só a confusão. Por conseguinte, minha atitude é de humildade e não de asserção.

Vejamos agora o que acontece à mente que sabe que está confusa. Ela não tem guia algum, porque escolher um guia quando se está em confusão é uma ação que redundando em confusão. Evidentemente, ter uma teoria, um plano, um padrão de ação nascido da confusão, é continuar na confusão. Por favor, não digais: “que vamos então fazer?”. Se admitis estardes confusos, isso significa que nada sabeis. Por conseguinte, seria fútil seguides qualquer autoridade, qualquer livro, qualquer guia, ou qualquer padrão de ação relativo ao que é bom, ao que é mau, ao que é certo, ao que é errado.

Um homem confuso não sabe o que é certo nem o que é errado. Ele não tem guia. Não conhece nenhuma auto-

ridade, nenhum livro em que possa estribar-se, porque a sua mente está fundamentalmente confusa. Não se acha, portanto, num estado em que possa ler um livro ou seguir uma autoridade. Não vos estou hipnotizando, para fazer-vos admitir que estais confusos. Mas vós tendes de pensar por vós mesmos, para verdes se estais ou não confusos, e, se estais, deveis ver se a vossa conclusão a respeito do que é certo e do que é errado tem alguma significação.

Ora, se o mundo inteiro se acha num estado de confusão, vós também estais confusos, visto serdes uma parte do mundo. Assim, se estais realmente cômico de que vos achais confuso, qual será a vossa ação? Vossa ação não será nem a ação do reformador nem a do radicalista. Que fazeis, então? Quando não há escolha, quando não há guia, quando não se segue nenhuma autoridade — pois sabeis que a escolha nascida da confusão é ainda confusão — que fazeis? Que acontece à vossa mente? Um homem que está confuso e sabe que está confuso, não sabe o que deve fazer, porquanto está incerto. Mas os nossos guias sociais, políticos e religiosos acham que, se nos disserem que estão confusos, nós poderemos abandoná-los, e por esta razão ninguém se acha disposto a admitir que está confuso. Mas, uma vez admitamos que estamos confusos, todo o nosso padrão de ação estará destruído. A própria confusão mental produz uma ação que não é uma reação da mente, mas uma ação de incerteza; por conseguinte, não há nenhuma Utopia, nenhum guia, nenhum instrutor.

No vosso estado de completa confusão, tentais descobrir o que é verdadeiro. Muitos outros se acham como vós num estado de confusão, num estado de incerteza, e todos vos juntaís. Mas como vos encontraís todos num estado de confusão, num estado de incerteza, há pouca cooperação entre vós.

Ora, o homem que diz que sabe, está na verdade se recusando a admitir que se acha confuso. Mas aquêlé que

admite que está confuso e, por conseguinte, é incapaz de saber alguma coisa, é um homem sincero. Quando digo que não sei, no sentido mais profundo da palavra, estou admitindo que me acho confuso; por conseguinte, há um estado de humildade. Não me tornei humilde, mas há um estado de humildade, e êsse próprio estado é ação, e essa ação é ação real. Porque reconheço que estou confuso, os guias perdem tôda a importância; não seguirei ninguém e minha mente estará tranqüila. Minha mente já não estará certa; achar-se-á num estado de humildade. O ser que é realmente humilde acha-se num estado de amor. Êsse amor não é uma coisa susceptível de cultivar-se. Sem êsse amor, não tem a vida nenhum significado.

Ora, os mais de nós andamos preocupados com problemas e as respectivas soluções. Deveríamos, porém, estar sempre interessados na compreensão e esclarecimento do problema, a fim de não criarmos mais problemas. Nossa solução de um problema serve apenas como raiz do problema futuro. Podeis achar uma solução para o problema de hoje; mas essa solução é de tal natureza que transporta o problema para amanhã e dá nascimento a outros problemas, amanhã; quer dizer, não há uma solução real, absolutamente.

Pois bem, tendes vários problemas. Tendes o problema da morte, tendes o problema da frustração. Se transportardes para amanhã o problema da frustração, vós lhe aumentareis a fôrça. Compreendei, por favor, a significação de tudo isso e a necessidade de se não criar a raiz de nenhum problema futuro.

Como posso eu, como pode a mente deixar de dar raiz ao problema de amanhã? Compreendeis o que estou dizendo? Se puderdes realmente compreender isto, vereis que não há mais problema nenhum. Tendes hoje um problema, porque o estivestes fabricando nos últimos dias; a

vossa mente, por conseguinte, não é nova; está sempre vivendo no passado, que já é morto. Mas, se compreendermos realmente um problema e não plantarmos as raízes de nossos problemas de amanhã, não haverá mais problema algum.

PERGUNTA: *Tenho a paixão da bebida. Afirmas que a disciplina e o autocontrôle não poderão salvar-me. Como posso então ficar livre do vício de beber?*

KRISHNAMURTI: Há muitas razões pelas quais uma pessoa bebe. A frustração, a constante luta pela vida, a luta entre marido e mulher, as preocupações domésticas; e, desejando fugir dessas coisas, um homem dá para beber. Ora, a questão é esta: Como deixar de beber? A mera análise — análise da frustração, análise das vossas preocupações — poderá libertar-vos do hábito de beber? Quando souberdes porque tendes uma frustração, quando estiverdes cónscio disso, então êsse próprio percebimento, sem escolha, agirá e o hábito desaparecerá.

Vêde, por favor, a importância do que estou dizendo. Vós conheceis os efeitos do beber. Suponhamos que, reconhecendo as conseqüências do beber, decidais deixar o hábito amanhã; nesse caso, estareis criando um problema para amanhã. Às vêzes, também, acontece que, para abandonardes um hábito, adotais um método; mas êsse próprio método se torna novo hábito. Nessas condições, a mente nunca está verdadeiramente livre do hábito. Mesmo a rotina do **puja** ou da leitura de livros sagrados, constitui um hábito. Dir-se-á que é um hábito bom e respeitável e que um outro dado hábito é um hábito nocivo. Mas, psicologicamente, as duas coisas são hábitos. Se desejais ficar livres dêsses hábitos, deveis penetrá-los até às raízes. Se compreenderdes realmente que não há ne-

ningum método, nenhum sistema de se deixar um hábito, vereis então a verdade; e essa verdade atuará em vós; não tereis de atuar sobre a verdade.

Os mais de nós desejamos atuar sobre a verdade; mas, se deixamos a verdade atuar sobre nós, ela produzirá então sua ação própria.

PERGUNTA: *Sou hinduísta, e vós me convidais a deixar o hinduísmo. Posso ficar livre do hinduísmo?*

KRISHNAMURTI: Esta questão é muito complexa. Temos de examiná-la com todo o cuidado, para a compreendermos. Ora bem, vós vos dizeis hinduísta e, por conseguinte, desejais seguir as tradições do hinduísmo. Ora, se desejais descobrir a verdadeira significação do seguir, se desejais descobrir se o seguir é, ou não, coisa nociva, tendes de ver se é realmente necessário seguides a vossa experiência, as vossas tradições e a vossa cultura. Mas, para poderdes vê-lo, precisais estar completamente livre.

Ora, quando dizeis que sois hinduísta, que quereis dizer com isso? Pode alguém dizer que é um hinduísta puro ou um ariano puro? Tal pessoa não existe, porque nós somos também uma mistura da cultura de outros. Os mais de nós temos o fundo do hinduísmo e mais um certo condicionamento ocidental. De modo que não somos nem uma nem outra coisa. Mas a mente quer ter raiz em alguma coisa. A mente quer estar bem firmada em alguma coisa e, quando acha que estará em segurança na cultura ocidental, ela larga a cultura oriental e vice-versa. É isto exatamente o que está acontecendo com respeito a todos nós; a falar verdade, achamo-nos num estado de confusão. Só quando estivermos livres de toda e qualquer cultura, estaremos aptos a ver com clareza. En-

tretanto, se aceitamos uma cultura, oriental ou ocidental, ela atua como um veneno.

Se desejamos ver claramente e compreender a verdade real, torna-se necessária uma lucidez completa da mente; e isso só pode ocorrer quando não pertencço a nenhuma sociedade. A verdade só atuará sôbre vós quando a vossa mente estiver completamente livre, e só poderá vir essa liberdade quando não pertencerdes a nenhuma comunidade. Significa isso que, só quando a mente não tem medo e não tem nenhum fundo, nenhuma raiz, só então se pode ver o que é a Verdade.

PERGUNTA: *Fisicamente, o tempo não tem dimensão. Mas vós falais do tempo psicológico, distinto do tempo cronológico. Podeis dizer se o tempo é inexistente ou se tem existência fenomenal?*

KRISHNAMURTI: Isto não é uma questão filosófica — filosófica no sentido de teórica ou verbal. Esta pergunta implica que o tempo tem existência fenomenal. Haverá um amanhã e houve um ontem. Temos, pois, o tempo cronológico, que é um fato. Mas há diferença entre o tempo psicológico e o tempo cronológico. Há um tempo estabelecido pela mente, o tempo como distância que me separa do que serei, que me separa da idéia, da morte, do futuro, que me separa, como ente mortal, do ente imortal que me tornarei. Há um largo intervalo entre o que sou e o que serei. Não se pode negar o tempo fenomenal. Mas o tempo que a mente cria, êsse tempo tem realidade? Há **o que é**. Penso que **eu** deveria ser uma outra coisa diferente do que sou. Há a distância entre o que eu sou e o que eu serei, conforme o meu desejo de me tornar imortal, etc. Há, aí, duas coisas: o que é e o que deveria ser. No momento em que introduzo o fator do desejo de modificação, introduzo o tempo.

Suponha-se que eu seja estúpido. O meu ser estúpido é um fato. No momento, porém, em que digo dever tornar-me inteligente, estou condenando a minha estupidez e introduzindo o fator tempo. Mas, se não condeno o fato de que sou estúpido, não há mais então a idéia do tempo. Mas, no momento em que decido tornar-me inteligente, introduzo o tempo. Ora, minha mente é resultado do tempo, e, por meio da mente, vou conseguir o que desejo. Minha mente, pois, é equivalente ao tempo. Mas só há um único fato e êste fato é: o que eu sou hoje.

Consideremos, agora, a coisa de outro modo. A mente é o resultado do pensamento de ontem, de hoje, e daquilo que ela será amanhã. A mente é resultado dos pensamentos, das tradições, das idéias, dos séculos de existência do homem. A mente é o EU. O futuro é o desconhecido; e a mente, resultado do conhecido, está tentando alcançar o desconhecido. A mente nunca pode estar livre do passado. Mas, se examinardes a questão com muita atenção, se puderdes realmente examiná-la com tôda a precisão, o passado se reduzirá a cinzas. Vereis então a Verdade.

28 de fevereiro de 1954

— VIII —

ESTA é a última palestra da presente série, e estão também encerradas as nossas discussões.

A vida é cheia de acidentes, que deixam em nossa mente muitas cicatrizes. A medida que vamos envelhecendo, a acumulação de acidentes e experiências, a constante batalha da vida, deixam muitas cicatrizes na mente. Só conhecemos sofrimentos e raras alegrias, e os nossos problemas crescem continuamente; tal parece ser a sina de quase todos nós, por maior que seja a nossa capacidade intelectual, científica, etc. Parecemos carregar a nossa mente com atividades de todo gênero, e nossos corações vão definhando, com o sentimento da frustração, do medo e da sombra, sempre presente, da solidão. Bem poucos de nós somos felizes e conhecemos o sentimento criador. Tendo sido postos numa rotina, torna-se muito difícil curarmos a nossa mente, para ela ser, de novo, fresca e sem mácula. E, na procura dessa felicidade, dê-se sentimento, andamos a perseguir tantas coisas, temos tantos desejos não preenchidos e preenchidos! E a nossa sociedade, a nossa cultura, os nossos pais, os nossos vizinhos, maridos, espôsas, estão-nos a tôdas as horas assaltando a mente, moldando-nos, condicionando-nos, de modo que quase já não somos indivíduos, embora tenhamos um nome próprio e uma fisionomia especial. Se temos boa sorte, possuímos uma casa e um pequeno depósito no banco, bem como uns poucos predicados, ou seja o que

chamamos individualidade. Mas, afóra o nosso nome e apoucadas qualidades e aquelas “águas estagnadas” que chamamos nossa mente, nós não somos, de modo nenhum, indivíduos; somos entidades condicionadas, com muito pouca liberdade.

Pensamos que somos livres, quando escolhemos; mas não somos livres, somos? Onde há escolha não há liberdade, porque a escolha, justamente, resulta do nosso estado condicionado. Pensamos ter uma vontade própria, que exercemos, na escolha. Entretanto, se observardes vereis ser essa vontade o produto de inumeráveis desejos, de muitas formas de frustração e medo; e que essas frustrações, temores, desejos são o produto do nosso condicionamento, nosso **fundo**. Nessas condições, quando escolhemos nunca somos livres. A escolha, em si, indica falta de liberdade. Um homem realmente livre não faz escolha; êle é livre, não para fazer isso ou aquilo, mas para **ser**. Enquanto fazemos escolha, não somos verdadeiramente livres e não somos indivíduos reais.

Muito importa compreender isso, porque, em geral, vivemos escolhendo — uma virtude, uma pessoa, uma ação — e a escolha conduz invariavelmente ao sofrimento; não há boa escolha e má escolha. Só a mente livre da escolha é capaz de perceber o que é verdadeiro. A verdade não vem através da escolha. A verdade não vem em virtude da capacidade de escolher entre isto e aquilo, entre o certo e o errado; pelo contrário, tôda escolha resulta de nosso condicionamento, que se baseia no temor e na avidez. Nós, vós e eu, nos dizemos indivíduos, mas, de fato, não somos indivíduos. Só quando estamos livres do **fundo**, do condicionamento, existe a verdadeira individualidade; e isso requer muita reflexão e investigação.

Falemos, agora, acêrca da criação, que acho tão essencial neste mundo tão cheio de confusão, onde a mente se vê avassalada pelos sistemas, pelos métodos e está,

a tôdas as horas, em busca da certeza, através dos métodos, da ação e, por conseguinte, impedida de ser livre, para ser criadora, para compreender o que é aquela realidade criadora. Infelizmente, a maioria de nós nunca experimenta diretamente uma coisa verdadeira, porque temos lido muito e ouvido muitas conferências e acumulado muitos conhecimentos; e, porque lemos, comparamos. Se se souber escutar, não só ao que estou dizendo, mas a tôdas as coisas da vida, com uma profunda atenção interior, ver-se-á então surgir a liberdade, apesar de todos os acidentes que ocorrem à mente, apesar de tôdas as frustrações, apesar de tôdas as estúpidas atividades que a nenhuma parte nos conduzem.

É possível à mente que está acumulando tanto saber, que tem tido tantas experiências, através de séculos, e na qual cada acidente deixa um resíduo que se chama memória, é possível à mente ficar livre de tudo isso, de modo que se torne rejuvenescida, fresca? A meu ver o problema real concernente a todos nós é o de renascer e nunca deixar espaço para a memória, para o amanhã.

Acho de suma importância compreender êste ponto, porquanto a vida de quase todos nós é uma série de continuidades, sempre quebradas e de novo recomeçadas. Nossa vida diária de rotina, de ganhar o sustento, de desenvolver atividades sociais, de freqüentar reuniões políticas, religiosas, sociais, é, todavia, uma continuidade, sempre na mesma direção. Não há jamais uma libertação dessa continuidade, porque a mente teme viver de maneira nova, sem saber nada, pois, sem dúvida, está sempre procurando a certeza no "ser alguma coisa".

Nosso problema é que desejamos ser algo; cada um de nós, tanto o santo como o pecador, deseja ser alguma coisa; e, dêsse modo, cultivamos a memória e, por conseguinte, nunca há um findar. Nessas condições, nunca há

um descobrimento real; só há acidentes e a escolha dos acidentes. Eis o que é a nossa vida. Permeando tôda esta confusão, tôda esta exigência de ação, está sempre o temor.

Podemos livrar-nos do passado, e renascer com uma mente renovada? Pode-se viver feliz, sem os trabalhos da busca intelectual, viver plenamente cada dia, cada minuto, todo devotado a êsse minuto? Se isso for possível, a vida será simples, porque o homem feliz não tem problema algum. É o homem infeliz, o homem frustrado que busca a ação, para vencer a sua frustração.

É possível a cada um de nós apagar o passado, dar-lhe fim, não através de um processo gradual, mas eliminando-o de um golpe? Temos de fazer esta pergunta a nós mesmos, sem nos preocuparmos com o resto. Porque, se dizemos “**como** fazer isso?” destruimos a possibilidade de fazê-lo, porque o “como” perpetua a memória da mente.

Parece-me verdadeiramente importante viver completamente cada dia, com tanta plenitude, tão criadoramente, tão ricamente, que nunca tenhamos um **amanhã**. Isso, afinal, é amor, não achais? O amor não conhece amanhã. O amor não é produto da mente. Como só estamos cultivando a mente, não sabemos amar; e a continuidade que damos à memória impossibilita qualquer forma de amor; e esta é uma das nossas dificuldades.

Só conhecemos infelicidade, sofrimento e frustrações; e daí parte a nossa ação, criando mais infelicidade e mais sofrimento. Portanto, certamente, precisamos estar livres do conhecido, para que o desconhecido possa ser. “O conhecido” é a mente e suas ocupações. A mente só é capaz de raciocinar, e a razão é produto da memória, do conhecido. A razão não pode conduzir ao desconhecido, por mais ativos que estejamos — praticando o perdão, sacrifícios, ritos, meditação. Enquanto a mente tiver suas raízes no “conhecido”, não poderá existir o desconhecido.

Por conseguinte, o nosso problema é realmente o de libertarmos a mente do conhecido. A mente não pode libertar-se do conhecido, porque ela própria é o conhecido, já que é resultado do tempo. Qual é, então, o problema? Entendeis esta pergunta? Minha mente é resultado do conhecido; minha mente só pode funcionar dentro do conhecido; e meu problema é êste: como pode a mente, resultado do tempo, deter o seu próprio movimento? Como pode o pensamento cessar? O pensamento é resultado ou reação do conhecido, de ontem, de tôdas as acumulações, das feridas, dos acidentes, das frustrações, dos temores. Como pode cessar êsse pensamento? A mente não pode fazê-lo cessar. A mente não pode dizer "vou pôr fim ao pensamento", porque neste caso, o pensamento estaria separado da entidade que diz "vou pôr fim". A entidade que deseja êsse findar é produto do pensamento.

Por favor, prestai atenção a êsse extraordinário mistério, que a mente é incapaz de sondar. Existe o assombroso mistério do desconhecido; e se não permitimos que êle opere, a nossa vida é sem significação. Podeis ser muito inteligentes, possuir a mais maravilhosa das mentes; mas, se não houver a compreensão daquele desconhecido, se aquêlê desconhecido não puder manifestar-se, nossa vida será sem significação. Não conheceremos senão sofrimentos, perigos, frustrações. Nessas condições, se pudermos ver que a mente não pode em tempo algum achar o desconhecido; que, sem o desconhecido, nenhuma significação tem a vida, que é só tortura, sofrimento, dôr; e que a mente nada pode fazer, porque todo movimento da mente é produto do conhecido, movimento do conhecido; se a mente perceber tudo isso, ela se tornará tranqüila.

A compreensão de que todo movimento da mente é produto do conhecido, essa compreensão é meditação. Há necessidade de meditação, na vida — não da estúpida meditação ortodoxa, que não é meditação, mas auto-hipno-

se; precisamos estar cômicos de todo o processo do viver, todo o processo da escolha, de como a escolha nega a liberdade, visto que a escolha é produto do nosso **fundo** (background). A libertação da mente dêsse fundo, a libertação da mente de todo condicionamento é o verdadeiro libertar. O processo pelo qual a mente se liberta do desejo de ser alguma coisa, êsse processo é meditação. Nêle, dá-se a libertação da mente do conhecido; então a mente se torna tranqüila. Ora, essa quietude, essa tranqüilidade da mente não é uma coisa que se possa conhecer ou experimentar, sem se “descondicionar” a mente. Não é uma coisa que se possa procurar. Se a procurais, essa procura será apenas uma outra forma de auto-hipnotismo, uma ilusão, sem nenhuma realidade.

Se a mente puder libertar-se do seu condicionamento, dos seus desejos, de tôdas as disciplinas, padrões, acidentes, haverá então o libertar da mente do passado. Dessa liberdade virá o silêncio, a tranqüilidade mental. Essa tranqüilidade não pode ser feita, mas ocorre quando a mente é livre. É a tranqüilidade do movimento extraordinário, em que não se visa a coisa alguma. Não há busca, nessa placidez, que não resulta de nenhuma frustração, experiência ou desejo. O que está num movimento extraordinário, numa velocidade extraordinária, está quieto. E dessa tranqüilidade surge o mistério da criação, aquela verdade não mensurável pela mente; e, sem essa verdade, a vida só pode significar mais sofrimento, mais malefícios, mais frustração.

Somos infelizes seres humanos, que queremos escapar da nossa infelicidade por meio de atividades de toda ordem; somos entidades solitárias, e queremos encher a nossa solidão com conhecimentos, atividades, divertimentos, Escrituras; mas êsse vazio não pode ser preenchido e só será possível acabar com êle quando a mente compreender que está solitária, e não tentar disfarçar a sua

solidão ou dela fugir. É necessário passarmos por essa solidão, para alcançarmos a tranqüilidade; então, por certo, se manifestará a ação criadora da Verdade.

Esta questão não requer um empenho contínuo. Tudo o que é contínuo é produto de uma mente que está **determinada**, da mente que diz “eu serei”, e perpetua, por conseguinte, a memória de si mesma. Mas a qualquer momento em que se sinta um empenho sério, momento que poderá durar só meia hora — e tanto basta — nesse momento existe a percepção sem escolha, o percebimento de nós mesmos como num espelho, sem deformação, o percebimento da coisa exatamente como é. Esse próprio percebimento do fato produz a libertação, a liberdade. Quando, porém, no espelho do percebimento vos vendo assim como sois, condenais e desejais modificar essa imagem, reformá-la, dar-lhe um certo nome, dêsse modo, lhe conferis uma continuidade. Mas, se ficardes simplesmente cômico da imagem refletida naquele espelho, vereis desaparecer tudo o que foi; e esse percebimento traz a liberdade, uma quietude da mente em que há felicidade.

O importante é não dar-se raiz a nenhum problema. Nós temos problemas, eles existem. Todo acidente é um problema; mas não lhe darmos um futuro, não lhe concedermos um minuto em que ele possa enraizar-se, tal é o problema — não aquêle que estamos carregando, em nossa mente. Quanto mais a mente pensa num problema, tanto mais está preparando o solo para ele enraizar-se. Pensai, observai, escutai, senhores.

O problema não é o de saber como resolver um problema, mas como não dar ao problema que tenho, uma continuidade. É a continuidade — e não o problema de ontem — que cria o problema. Se conheço, se percebo a verdade disso, ocupar-me-ei, então, com o problema de modo inteiramente diferente; darei cabo do problema, em mim mesmo, tão logo ele surja, com o não deixá-lo enrai-

zar-se — o que significa: não apreciar nem condenar; e isso, com efeito, significa possuir a extraordinária qualidade da humanidade.

A mente trivial tem sempre algum problema; a mente pequenina está sempre ocupada, e essa ocupação prossegue dia por dia. A mente trivial nunca é capaz de resolver o problema, porque tudo o que ela resolve, tudo o que ela pensa a respeito do problema, é sempre trivial, limitado, confuso. O mais que a mente trivial pode fazer é não dar ao problema um futuro. Se a mente tem um problema e não lhe dá um futuro, ela já não é trivial, porque não está ocupada; a mente ocupada é que é trivial. A mente não ocupada se assemelha a um rio, que tudo recebe, os esgotos da cidade, cadáveres, coisas boas e coisas más; e, uma vez que está em movimento constante, já não é água estagnada, mas uma torrente viva; nela, tudo vive; ela não está morta. Assim, pois, a mente que tem um problema e está ocupada, não pode compreender o seu próprio problema; o que pode fazer é só dar fim à sua continuidade e nunca proporcionar solo propício ao problema, no amanhã da sua memória.

Tudo isso pode parecer muito difícil; mas não é, se realmente observardes como a vossa mente gosta de dar continuidade a um problema, dia após dia. Vossa mente está ocupada com alguma coisa — com o que diz o vizinho, ou o Livro, ou com a finalidade da vida — traçando perenemente as suas próprias rotinas. A mente ocupada é uma mente trivial, e a mente trivial há de ter sempre problemas.

PERGUNTA: Não basta as pessoas vos ouvirem. Para compreenderem o que dizeis, devem elas ser nutridas e educadas num estudo cuidadoso e na explanação dos vossos ensinamentos, e por meio de livros relativos ao

vosso ensino e bem assim pela organização de grupos de estudo. Só então sereis melhor compreendido. Dizei-me se tenho razão.

KRISHNAMURTI: Esta pergunta supõe o intermediário, o intérprete, o sacerdote, não achais? “Eu compreendo, mas outros não compreendem”. “Compreendo um pouco e quero partilhá-lo” — e isso é coisa muito diferente. Investiguemos pois, cabalmente, esta questão.

Quem é que cria o intérprete, o intermediário? Vós mesmo. Quando se compreende uma coisa diretamente, não se necessita de intérprete, intermediário, sacerdote. Mas, se eu não a compreendo recorro a alguém, para que ma explique, e esse alguém a explicará de acôrdo com o seu condicionamento, conforme a sua aptidão. Crio, assim, o intérprete, o sacerdote, o sub-instrutor. Sou indolente, não estou cômico de mim mesmo — que é um fato tão simples: não preciso ler livros a esse respeito, pois o fato é tão claro! Estar cômico de vós mesmo em tôdas as coisas que fazeis, observardes a vós mesmos — não de acôrdo com um dado padrão, pois isso não é observar — observardes a vós próprios quando falais, ao jantar, à mesa, no escritório; observardes e vedes como condenais, como sois cruel; observardes tudo, com simplicidade, observardes sem fazer escolha; para isso não se precisa de intérpretes e intermediários. Saberdes, simplesmente, o que está acontecendo na vossa mente, saberdes, por vós mesmo — e não de acôrdo com outra pessoa — como a vossa mente funciona, isto não é difícil; não se necessita, para isso, de intérpretes ou intermediários. Mas necessitais de intérpretes e intermediários se estais assustado, se não conheceis a vós mesmo e por isso recorreis a alguém. Não há um seguir bom e um seguir mau; quer estejais seguindo politicamente, religiosamente, quer estejais seguindo vossas próprias experiências ou ideais,

todo seguir é mau, uma vez que cria a autoridade e cria o seguidor. A mente que diz: “Eu não sei, mas vós sabeis; explicai-me, pois, dai-me um lugar garantido no céu” — essa mente cria os intermediários, os intérpretes, os sacerdotes — que irão agir para vos salvar. Os guias políticos, os sacerdotes, os comissários ou os pobres padres católicos, todos são iguais, porque os seus seguidores dizem “nós não sabemos”.

Escutai, por favor; ainda que já tenhais ouvido isto muitas vêzes, escutai-o como se fôsse a primeira vez. Se o escutardes como se fôsse a primeira vez, isto terá significação e terá profundeza. Mas, se dizeis, “já ouvi isto centenas e milhares de vêzes, pois vos acompanho há vinte e cinco anos, e sei o que ides dizer”, não estais experimentando diretamente o que digo e, por conseguinte, o vosso mero escutar das palavras não tem significação.

Enquanto a mente busca a certeza, tendes de ter intérpretes; a mente que está buscando a certeza nunca é livre e está sempre assustada; a própria exigência de certeza a respeito de alguma coisa — um ideal, uma relação, uma verdade que se quer saber ao certo — supõe que tendes necessidade de um intermediário, de alguém que possa ajudar-vos. Se, porém, aquilo que ouvistes fôr verdade **para vós** — não de acôrdo com alguém, mas se fôr realmente verdadeiro para vós — falareis então corretamente, dançareis corretamente, vivereis, amareis, criareis; não precisais então de criar autoridade alguma, não tereis de seguir ninguém, não pertencereis a nenhuma sociedade.

A dificuldade, porém, é que a maioria de nós está tão incerta e tão confusa, em nós mesmos, que precisamos de ajuda; mas a ajuda que queremos é a ajuda que um cego dá a outro cego. Mas existe uma ajuda, que vem quando sei que estou confuso, incerto, e permaneço nesse estado. Saber que estou incerto, saber que estou confuso, saber

que nada sei, êste próprio estado é um estado de humildade, não achais? — um sentimento profundo de humildade, que cria sua ação própria. Um homem que é “nada” (êle não diz intelectualmente que é nada, mas o sabe, interiormente, sabe que no estado de incerteza um homem só pode ser **nada**) êsse homem não necessita de nenhum intérprete.

Cuidado com os intérpretes, guardai-vos dêles! Os intérpretes só vos podem dar certeza, não podem dar-vos liberdade. A liberdade só aparece no meio do percebimento completo do processo total do viver.

PERGUNTA: *Dizeis que um homem precisa morrer para renascer, que no findar há um começar. Mas, para nós, todo findar é sofrimento, seja o findar da vida, seja o findar de uma experiência rica e feliz. Como posso perceber a verdade a respeito dêsse findar de que falais?*

KRISHNAMURTI: Senhor, percebeis a verdade relativa ao que estou dizendo? O que vêdes é só o fato de que tudo o que tem continuidade, tudo o que prossegue no tempo, está sempre em sofrimento. Só conheceis êsse fato, não é verdade? — com ocasionais e raros momentos de deleite, de alegria; mas, em geral, o que conheceis é só sofrimento. O sofrimento vem junto com as inumeráveis aptidões do “eu”, do “ego”. Tendes de perceber, tendes de compreender que tudo o que continua, psicologicamente, interiormente, traz sofrimento. Senhor, não sabeis que aquilo que tem fim, tem sempre frescor, tem sempre um novo comêço? Se eu não termino os meus pensamentos de hoje, se não os completo, se não os levo até ao fim, hoje mesmo, transportarei êsses pensamentos para amanhã; e, nisso, não há frescor, uma coisa nova; a

mente se torna morta. Mas se vejo simplesmente êsse fato, tanto basta. O próprio percebimento, o próprio reconhecimento do fato, sem escolha, sem condenação, é o findar em que há renovação.

Entretanto, não queremos o novo, não queremos renascer. O que queremos é só que nos ponham certos. Afinal, o que queremos é a permanência, uma continuidade para nós mesmos, com os sinais do permanente — uma casa permanente, uma relação permanente, um nome permanente, uma família permanente, uma continuidade de atividade, de sucesso — é só isso que queremos. Não queremos revolução nenhuma, não queremos morrer cada dia para tôdas as coisas; queremos é perpetuar a memória; eis porque nos exercitamos e disciplinamos e resistimos, pois a mente tem tanto horror a qualquer estado de incerteza. Senhor, é só a mente incerta que pode descobrir, e não a mente certa. Só a mente que sabe que está confusa, e que, nessa confusão, se mantém quieta, só essa mente é capaz de descobrir. A mente, porém, que está certa, a mente que tem continuidade, que tem uma série perpétua de lembranças, essa mente nunca pode descobrir a verdade.

Nessas condições, só a mente que chega a um fim, em cada dia, pode encontrar, cada dia, a Verdade. A verdade é uma coisa que se precisa descobrir momento por momento; a verdade não tem continuidade no tempo. O que continua, acha-se num estado de permanência, reconhecível pela mente; portanto, a mente que tem continuidade, que tem associação, que é processo de reconhecimento, essa mente nunca pode achar o que é real. Só a que percebe a falácia de tudo isso e, por conseguinte, sem fazer qualquer escolha, chega a um fim, só essa mente pode ser criadora; só ela pode receber a fôrça criadora da Verdade.

PERGUNTA: *Qual a relação entre mim e a minha mente?*

KRISHNAMURTI: Ora, senhores, examinemos esta questão de modo que vós e eu experimentemos diretamente o que se está dizendo. Isto é um processo de meditação, e sem meditação não há sabedoria. A sabedoria nasce com o autoconhecimento. Quando conheço a mim mesmo tal como sou — e não de acôrdo com o que outros instrutores disseram, ou outra pessoa qualquer disse — quando sei o que sou, momento por momento, isto é autoconhecimento; e êsse autoconhecimento só pode nascer pela meditação. Meditação é estar cômico de todos os conflitos, no espêlho das minhas atividades, das minhas relações, dos meus estados. Investiguemos, pois, esta questão: a relação que há entre mim e a minha mente.

A mente difere de mim? Eu sou diferente, o observador, o pensador, é diferente do pensamento? Compreendeis, senhores?

Digo “Eu penso”. O pensamento é diverso da entidade que diz “estou pensando”? Dizemos que as duas coisas são separadas, que o “eu” pensa ser diferente do pensamento. Presumimos que o “eu” vem em primeiro lugar; o “eu”, o “ego” é o pensador; primeiro êste, depois o pensamento, a mente. Separamos, pois, o “eu” e a mente. Mas, isto é um fato? Podeis dividi-lo, mas, na realidade, o “eu”, o pensador, difere da consciência que diz que pensa, que existe? Pode-se retirar as qualidades do diamante e dizer que o restante é diamante? O “eu” tem muitas qualidades, muitas memórias, muitas atividades, experiências, temores, frustrações, que são, tôdas elas, produto da mente, não é verdade? Retirem-se tôdas as vossas qualidades — existe então “vós”? A mente é o “eu”. Pensa a mente que há o “eu superior” o **Atman**, **Paramatman** — cada vez mais alto — mas isso, não obstan-

te, é coisa que a mente “projeta”; a mente se dividiu em “eu” e “pensamento”.

Afinal, que é a mente? A mente, por certo, é tanto o consciente como o inconsciente. O mar não é só a superfície das águas, que se vê brilhar ao sol, cheio de vida; é toda a profundidade das águas que faz o mar. Idênticamente, a nossa mente é todo o conteúdo, quer estejamos conscientes dêle, quer não. Está a mente tão ocupada, tão cheia de atividades e problemas, que nunca tem tempo para indagar, investigar, descobrir, “pescar” no inconsciente. Sabemos o que é o inconsciente; êle é muito simples. Nossos “motivos”, nosso saber acumulado, nossa coleção de experiências e temores, esperanças, ânsias, frustrações — tudo isso é a nossa consciência; o desejo de Deus e a criação de Deus — tudo isso é a consciência. Assim, pois, a separação do “eu” e da mente não corresponde a nenhuma realidade.

Por favor, vêde bem isso, compreendei-o. A totalidade da consciência é o “eu” — o “eu” que tem um emprego; o “eu” que tem mulher, que tem marido; o “eu” que é invejoso, ambicioso, ávido; o “eu” que avalia; o “eu” que tem uma tradição; o “eu” que quer achar a Realidade, Deus; o “eu” que é trivial, ambicioso — tudo isso é a mente, tudo isso é a consciência. Essa consciência — podeis guindá-la às maiores alturas, chamá-la **atman**, **paramatman**, ou seja o que fôr — essa consciência é sempre produto do tempo, é sempre a consciência. Ora, com essa consciência, desejais encontrar algo situado além dos limites da mente; mas nunca encontrareis êsse algo.

Podeis ter tranqüilidade, ocasionalmente, quando a consciência total está tranqüila, de alto a baixo; e podeis sonhar com algo inimaginável, imensurável, porque no sonho a vossa mente, a vossa consciência, pode por acaso estar quieta. Mas, quando se está cômico de todo êsse

processo, sem se fazer escolha, quebra-se êsse padrão de consciência e pode-se então perceber uma placidez real na totalidade da consciência. Isso é algo que está muito além dos limites da mente. Mas o querer-se alcançar o que está além dos limites da mente, nenhuma significação tem. O que eu digo ou o que outro diz nada significa. Significativo é que se tenha o percebimento completo dessa consciência e de tôdas as suas numerosas camadas. Êsse percebimento não pode ser aprendido pela análise; a coisa pode ser conhecida, totalmente, pela observação.

Conhecer o processo integral da mente — tôdas as suas inclinações, “motivos”, propósitos, seus talentos, suas exigências, seus temores, frustrações e êxitos felizes — conhecer tôdas essas coisas significa estar tranqüilo e não permitir que elas atuem. Só então pode manifestar-se o que se acha além da mente. E essa coisa só pode manifestar-se quando não é chamada; só pode manifestar-se quando não é procurada. Como a nossa busca se origina da frustração, a mente que busca, nunca achará. Só a mente que compreende o processo total, pode receber as bênçãos do Real.

3 de março de 1954

Obras já editadas pela

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

do mesmo Autor:

O PROBLEMA DA REVOLUÇÃO TOTAL
AUTOCONHECIMENTO - BASE DA SABEDORIA.
PERCEPÇÃO CRIADORA
PODER E REALIZAÇÃO
CLARIDADE NA AÇÃO
NOSSO ÚNICO PROBLEMA.
A RENOVAÇÃO DA MENTE.
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
NOVO ACESSO A VIDA.
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO.
A ARTE DA LIBERTAÇÃO.
DA INSATISFAÇÃO À FELICIDADE.
VIVER SEM CONFUSÃO.
PORQUE NÃO TE SATISFAZ A VIDA?
A CONQUISTA DA SERENIDADE
NÓS SOMOS O PROBLEMA.
SOLUÇÃO PARA OS NOSSOS CONFLITOS.
O CAMINHO DA VIDA.
QUE TE FARÁ FELIZ?
UMA NOVA MANEIRA DE VIVER.
O EGOISMO E O PROBLEMA DA PAZ.
A FINALIDADE DA VIDA.
QUE O ENTENDIMENTO SEJA LEI.
AUTOCONHECIMENTO, CORRETO PENSAR, FELICIDADE.
A LUTA DO HOMEM.
O MEDO (2.^a ed.).
A BUSCA (poema).
AUCKLAND, 1934.
OJAI E SAROBIA.
ADYAR, INDIA, 1933/34.
ACAMPAMENTO EM OMMEN, 1937/38.
ITALIA E NORUEGA, 1933.
NOVA IORQUE, EDDINGTON E MADRASTA, 1937.
PALESTRAS EM OMMEN, 1936.
PALESTRAS EM OJAI, CALIFÓRNIA, 1936.
PALESTRAS NO CHILE E NO MÉXICO, 1935.
PALESTRAS NO URUGUAI E ARGENTINA, 1935
PALESTRAS NO BRASIL, 1935.